

**FACULDADE VICENTINA – FAVI
ASSOCIAÇÃO LUSO-BRASILEIRA DE TRANSPESSOAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA TRANSPESSOAL**

GISELE PALO CORRÊA DE FREITAS

**CONSTELAÇÃO FAMILIAR E
ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL:
UM ENCONTRO TRANSDISCIPLINAR.**

**CAMPINAS
2020**

GISELE PALO CORRÊA DE FREITAS

**CONSTELAÇÃO FAMILIAR E
ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL:
UM ENCONTRO TRANSDISCIPLINAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso da Pós-Graduação em
Psicologia Transpessoal da Faculdade
Vicentina, e ALUBRAT, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
especialista em Psicologia Transpessoal.

Orientador: Luciana Ferrari Boneti

**CAMPINAS
2020**

NOTA:

Na qualidade de titulares dos direitos de autorais deste trabalho, autorizamos a Faculdade Vicentina e a Associação Luso Brasileira de Transpessoal a disponibilizar por tempo indeterminado ao alcance do público pela rede mundial de computadores – Internet, sem pagamento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral desta obra com permissões para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

À Terapeuta Transpessoal e Consteladora Luciana Ferrari Boneti, por sua amizade, dedicação, acolhimento, disponibilidade e pela honra de tê-la como orientadora nesse trabalho.

À Profa. Dra. Vera Saldanha pela sabedoria, humildade, disponibilidade, pelos preciosos ensinamentos que me apresentaram e guiaram pelo caminho transpessoal e que me foram transmitidos amorosamente em suas aulas, dinâmicas e, inclusive, através dos meus sonhos.

À Profa. Dra. Arlete Silva Acciari, coordenadora do curso, por sua amizade, supervisão e prontidão para colaborar com esse trabalho.

À toda equipe da ALUBRAT Campinas pela organização, dedicação, paciência e carinho durante todo o percurso, em especial aos monitores: Giordano Trazzi, Juliana Lotumolo, Lauriane Lima, Lúcia Cassin, Marly Henriques Adaime, Sandra Dorta.

À Margarida pela atenção e carinho.

À Maria pelos deliciosos lanches e bolos sempre feitos com carinho.

Aos colegas da turma VIII, amigos em busca do crescimento pessoal e profissional.

Agradecimento especial à Luciana Wiederin Maschietto pela amizade, confiança, e partilha durante e após nossa formação e pelas muitas risadas que muito me alegraram.

Ao meu querido e amado marido, Ademir Pereira de Freitas, por sua presença fundamental em minha vida, por seu amor, confiança, apoio, cuidados, compreensão e leveza e em todos os momentos.

A meu querido e amado filho, Luca Corrêa de Freitas, por seu amor, carinho, alegria e por ter proporcionado a mim a felicidade de ser sua mãe.

A meus pais, Pedro Ribeiro Corrêa e Maria Lúcia Palo Corrêa pelo amor, cuidados, valores, pela vida.

À minha irmã Lucienne Palo Corrêa por me ensinar que a vida vale sempre ser vivida com amor.

À minha ancestralidade e toda força que dela recebo.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meu filho e seus futuros descendentes.
Transmito a eles todo amor e força que recebi de minha ancestralidade
Para que continuem fluindo neste sistema.

Espero com este trabalho deixar algo de bom
Que sejam mais que palavras.
Que seja útil aos terapeutas que queiram se curar e curar a outros.

*“Quando o ser se preocupa com a Sociedade, ele se transforma.
Cuidar do outro revela o ser a si mesmo.
Quando o ser conhece o outro, se conhece a si mesmo.”*

Jean-Ives Leloup

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
3	
OBJETIVOS.....	15
5	
METODOLOGIA	16
REVISÃO DA LITERATURA	17
1 A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL.....	
177	
2 A ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL – AIT.....	19
2.1 O Aspecto Estrutural da AIT.....	19
2.1.1 Conceito de Unidade.....	200
2.1.2 Conceito de Vida	211
2.1.3 Conceito de Ego	
211	
2.1.4 Estados ou Níveis de Consciência.....	22
2.1.5 Cartografia da Consciência	23
2.1.6 Arquétipo do Feminino e Masculino	25
2.2 Aspectos Dinâmicos da AIT	26
2.2.1 Intervenções Verbais	28
2.2.2 Recursos Auxiliares ou Adjuntos	28
2.2.3 Imaginação Ativa.....	29
2.2.4 Reorganização Simbólica	30
2.2.5 Dinâmica Interativa – As Sete Etapas	30
2.2.6 Grafismo Terapêutico	36
2.2.7 Escrita Terapêutica	36
2.3 A Postura do Terapeuta Transpessoal	37
3 A CONSTELAÇÃO FAMILIAR	40
A Trajetória de Bert Hellinger	40
O Desenvolvimento da Constelação Familiar.....	40
O Aspecto Fenomenológico	41
O Campo Mórfico ou Campo Morfogenético	42
O Pensamento Sistêmico.....	44
3.1 Os Aspectos Teóricos da Constelação Familiar	44
3.1.1 As Ordens do Amor.....	45
3.1.2 Três espécies de Consciência.....	49
3.1.3 Três Níveis de Consciência: do pertencimento, da compensação, da ordem ...	50

3.1.4 A Boa Consciência, Consciência Leve, Inocência	51
3.1.5 A Má Consciência, Consciência Pesada, Culpa	51
3.1.6 Sistema de Origem e Sistema Atual.....	52
3.1.7 Precedência e Prioridade.....	52
3.2 A diferenciação dos Sentimentos e suas características.....	53
3.2.1 Sentimentos Primários	53
3.2.2 Sentimentos Secundários ou dramáticos.....	54
3.2.3 Sentimentos Adotados.....	55
3.2.4 Metassentimentos ou sentimentos intrínsecos	56
3.3 A Postura do Constelador	57
4 TRANSDISCIPLINARIDADE	60
RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICE.....	70
APÊNDICE A - Exercício Sistêmico 1 - Questão de relacionamento com a Mãe	70
APÊNDICE B - Exercício Sistêmico 2 - Questão de relacionamento com o Pai.....	71
ANEXO	73
ANEXO A - Sugestão para preparação do terapeuta	73
ANEXO B - Frase de Cura 1 - “EU VEJO VOCÊ”	74
ANEXO C - Frase de Cura 2 - “EU SINTO MUITO”	74
ANEXO D - Frase de Cura 3 - “TOMO A VIDA TAL COMO ELA ME FOI DADA”	75
ANEXO E - Frase de Cura 4 - “VOCÊ É GRANDE, EU SOU PEQUENO”	76

LISTA DE ABREVIATURAS

AIT	Abordagem Integrativa Transpessoal
ALUBRAT	Associação Luso-Brasileira de Transpessoal
APA	American Psychology Association
REIS	Razão, Emoção, Intuição e Sensação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Corpo Teórico – Aspecto Estrutural da AIT.....	20
Figura 2: Cartografia da Consciência de Kenneth Ring	24
Figura 3: Integração do Eixo Experiencial e Evolutivo	26

RESUMO

Introdução: Transdisciplinaridade é um conceito da educação que compreende o conhecimento de uma forma plural. O termo, integrativa, na Abordagem Integrativa Transpessoal - AIT, se refere à integração teórica e assimilativa e reforça o seu caráter transdisciplinar. A Constelação Familiar, por sua vez, resulta da integração e assimilação de vários métodos terapêuticos precursores. **Justificativa:** O que impulsionou esta pesquisa foi a possibilidade de ampliação das fronteiras do processo terapêutico transpessoal pelo favorecimento da integração transdisciplinar entre aspectos teóricos e práticos da AIT e da Constelação Familiar; a utilização destes aspectos no *setting* terapêutico transpessoal de modo apropriado e seguro, assim como trazer a linguagem da Constelação Familiar a um nível compreensível para terapeutas. **Objetivo:** Apresentar aos terapeutas transpessoais os princípios teóricos da Constelação Familiar e a possível integração transdisciplinar com a AIT. **Metodologia:** Pesquisa exploratória com revisão bibliográfica, visando o diálogo entre fundamentos teóricos da Psicologia Transpessoal, da AIT e da Constelação Familiar. **Resultados:** Foi possível constatar que o conceito de transdisciplinaridade permeia a Psicologia Transpessoal, a AIT e a Constelação Familiar, uma vez que todas transbordam e ultrapassam seus limites, integrando conhecimentos e possibilitando diálogos. Assim, a consciência sistêmica da Constelação Familiar e o inconsciente transindividual da Cartografia da Consciência de Kenneth Ring adotada pela AIT, manifestam um diálogo convergente, indicando haver uma unidade subjacente, uma vez que ambas as abordagens, compartilham da visão sistêmica e fenomenológica. Nesta perspectiva, quando as informações do inconsciente transindividual ou da consciência sistêmica acessadas, são seguidas de contextualização e integração pelo indivíduo no momento presente, trazem novas perspectivas do ponto de vista terapêutico o que amplia a consciência e propicia uma percepção mais adequada sobre processos psíquicos e de vida desse indivíduo, melhorando sua forma de viver e conviver. Já os exercícios sistêmicos e “frases de cura” da Constelação Familiar, quando integrados aos aspectos estruturais e dinâmicos da AIT, podem contribuir para que o cliente compreenda algo, tenha *insights* que o auxiliem em relação às suas questões, padrões ou assuntos não resolvidos ampliando a sua percepção e consciência sobre esses temas. **Conclusão:** Conclui-se, portanto, que é possível que terapeutas transpessoais utilizem os aspectos teóricos da Constelação Familiar como recurso no *setting* terapêutico transpessoal, pois são conhecimentos complementares e afins. Que é de primordial importância, ter como base os fundamentos da AIT para a reorganização de aspectos referentes à hierarquia, pertencimento e equilíbrio de troca. Que a elaboração de conteúdos inconscientes de forma equilibrada para o indivíduo, sem que contanto, seja realizada uma Constelação Familiar propriamente dita é possível, desde que esta integração seja articulada com a aplicação do corpo teórico e aspectos estruturais e dinâmicos da AIT. Assim, a complementaridade entre seus aspectos teórico-prático corrobora uma comunicação transdisciplinar articulada pois ambas, AIT e Constelação Familiar, compartilham princípios comuns, tais como a importância do Amor como força criadora e de cura, a concordância quanto à multidimensionalidade da consciência e o acolhimento do Ser sem exclusões, ou seja, em sua integralidade.

Palavras-chave: Psicologia transpessoal. Abordagem Integrativa Transpessoal. Constelação Familiar. Transdisciplinaridade.

Family Constellation and Transpersonal Integrative Approach: a transdisciplinary encounter.

Abstract

Introduction: Transdisciplinarity is an educational concept that regards knowledge in a plural form. The term *integrative* in Transpersonal Integrative Approach - TIA - refers to a theoretical and assimilative integration and reinforces its transdisciplinary attribute. Family Constellation, in turn, results from the integration and assimilation of several precursor therapeutic methods. **Justification:** What has encouraged this research was the possibility of expanding the boundaries of the transpersonal therapeutic process by favoring transdisciplinary integration between theoretical and practical aspects of TIA and Family Constellation; the application of these aspects in the transpersonal therapeutic approach in an appropriate and safe way, as well as bringing the language of Family Constellation to an understandable level to therapists. **Objective:** To present to transpersonal therapists the theoretical principles of Family Constellation and the possible transdisciplinary integration with TIA. **Methodology:** Exploratory research with literature review, aiming at the dialogue between theoretical foundations of Transpersonal Psychology, TIA and Family Constellation. **Results:** It was possible to verify that the concept of transdisciplinarity permeates Transpersonal Psychology, TIA and Family Constellation, since they all overflow and exceed their limits, integrating knowledge and enabling dialogues. Thus, Family Constellation's systemic awareness and the transindividual unconscious of Kenneth Ring's Consciousness Cartography adopted by TIA, manifest a convergent dialogue, indicating that there is an underlying unity, since both approaches share the systemic and phenomenological view. In this perspective, when information from the transindividual unconscious or systemic consciousness accessed is followed by contextualization and integration by the individual at the present moment, they bring new perspectives from the therapeutic point of view, which increases awareness and provides a more adequate perception of psychic and of this individual's life, improving their way of living and coexisting. Family Constellation systemic exercises and "healing phrases", when integrated with the structural and dynamic aspects of TIA, can help a client understand something, or help them with insights concerning their questions, standards or unresolved issues expanding their perception and awareness of these topics. **Conclusion:** It is concluded, therefore, that it is possible for transpersonal therapists to use the theoretical aspects of Family Constellation as a resource in the transpersonal therapeutic approach, as they are complementary and related types of knowledge. Also, that having TIA's fundamentals as a basis for the reorganization of aspects related to hierarchy, belonging and balance of giving and receiving is of utmost importance. That it is possible to conduct the elaboration of unconscious contents in a balanced way for the individual without carrying out a Family Constellation itself, as long as this integration is articulated with the application of the theoretical body and structural and dynamic aspects of TIA. Therefore, the complementarity between its theoretical and practical aspects corroborates an articulated transdisciplinary communication since both, TIA and Family Constellation, share common principles, such as the importance of Love as a creative and healing force, the agreement on the multidimensionality of consciousness and the reception of Being with no exclusions, that is, in its integrality. **Keywords:** Transpersonal psychology, Transpersonal Integrative Approach, Family Constellation, Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Ampliar o campo de visão através da complementaridade entre saberes tem se tornado uma prática essencial no mundo contemporâneo, o que aponta a necessidade de ultrapassarmos fronteiras disciplinares, possibilitar o relacionamento entre diferentes campos, impulsionar o saber e o diálogo em uma perspectiva transdisciplinar.

Este trabalho Justifica-se por ampliar as fronteiras do processo terapêutico transpessoal, favorecendo a integração transdisciplinar entre aspectos teóricos e práticos da AIT e da Constelação Familiar; por apoiar a utilização destes aspectos no *setting* terapêutico transpessoal de modo apropriado e seguro, assim como, por trazer a linguagem da Constelação Familiar a um nível compreensível para terapeutas, mesmo com pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto.

A revisão da literatura foi conduzida de maneira a balizar elementos que subsidiassem a possível integração teórico-prática entre a AIT e a Constelação Familiar.

Inicialmente, apresentamos de maneira breve a Psicologia Transpessoal.

O tópico seguinte apresenta a AIT, sua fundamentação e seus aspectos estrutural e dinâmico, descritos de maneira detalhada.

A seguir, é trazida a trajetória de Bert Hellinger e a Constelação Familiar, além de conteúdos que a fundamentam teoricamente como: o conceito de fenomenologia, o método fenomenológico, a teoria dos campos mórficos ou campos morfogenéticos e como o pensamento sistêmico se relaciona à Constelação Familiar e a AIT.

Os aspectos teóricos da Constelação Familiar são então apresentados: as ordens do amor, três espécies de consciência, três níveis de consciência: do pertencimento, da compensação, da ordem, sistema atual e sistema de origem, precedência e prioridade, a diferenciação dos sentimentos e suas características.

Na sequência, o imprescindível conceito de transdisciplinaridade fundamenta e estimula, através de um diálogo vivo, a integração entre a Psicologia Transpessoal, a AIT e a Constelação Familiar.

Os temas abordados ao longo do trabalho são então aprofundados, resultando em elementos para análise e discussão dos resultados que corroboram a possível integração articulada entre as abordagens.

As chamadas “Frases de Cura” da Constelação Familiar, consideradas elementos complementares essenciais, estão disponibilizadas no anexo deste trabalho.

Os exercícios sistêmicos, que contribuem para o processo terapêutico transpessoal, são trazidos sob a forma de recursos técnicos da AIT imaginação ativa e reorganização simbólica, sendo apresentados no apêndice

Assim, através do olhar diferenciado que a teoria da Constelação Familiar revela por meio das Ordens do Amor, do corpo teórico e aspectos estruturais e dinâmicos da AIT, no decorrer deste trabalho será apresentado como, de maneira transdisciplinar, terapeutas transpessoais que não são consteladores, podem ampliar as possibilidades terapêuticas relacionadas a dinâmicas sistêmicas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Apresentar aos terapeutas transpessoais os princípios teóricos da Constelação Familiar e a possível integração transdisciplinar com a AIT.

Objetivos Específicos

- Descrever a Abordagem Integrativa Transpessoal e seus aspectos Estrutural e Dinâmico.
- Descrever aspectos teóricos da Constelação Familiar.
- Demonstrar, através de intervenções verbais (frases de cura), exercícios de imaginação ativa e reorganização simbólica (exercícios sistêmicos), a relevância de integrar de modo transdisciplinar os aspectos teóricos da AIT e da Constelação Familiar para terapeutas transpessoais que não são consteladores.

Pergunta Norteadora:

É possível apresentar aos terapeutas transpessoais os princípios teóricos da Constelação Familiar integrando-os à AIT em um contexto transdisciplinar?

METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa exploratória que envolve revisão bibliográfica.

Toda metodologia de estudo aqui desenvolvida está apoiada em livros, vídeos e artigos científicos publicados em sites, tendo como fontes teóricas principais, os autores Saldanha (de 2006 a 2019) e Hellinger (de 2005 a 2015).

Com intuito de abarcar as contribuições mais significativas das duas abordagens e demonstrar a relevância da integração transdisciplinar entre os aspectos teóricos da AIT e da Constelação Familiar, foram também consultadas obras como as de: Rupert Sheldrake (2014), Robert Scheneider (2007), Ursula Franke (2006), Basarab Nicolescu (1999), Fritjof Capra (1986 e 2006), entre outros, consideradas de fundamental importância para a complementação desse estudo possibilitando, assim, ampliar as possibilidades terapêuticas no *setting* transpessoal.

REVISÃO DA LITERATURA

1 A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

A Psicologia Transpessoal surgiu como um desdobramento da escola Humanista, tendo sido oficializada por Abraham Harold Maslow, em 1968, então presidente da American Psychology Association (APA).

Segundo Antony Sutich:

Psicologia Transpessoal ou quarta força é o título dado à uma força que está emergindo no campo da psicologia, por um grupo de psicólogos e profissionais, homens e mulheres de outros campos que estão interessados naquelas capacidades e potencialidades últimas que não têm um lugar sistemático na teoria positivista e behaviorista (“primeira força”) nem na psicanálise clássica (“segunda força”) nem na psicologia humanista (“terceira força”). (SUTICH, 1969, p. 15).

Maslow oficializou a Psicologia Transpessoal e trouxe uma visão antropológica do ser humano, que é bio-psico, sócio-cultural e espiritual, privilegiando a saúde integral. Seu objeto de estudo é a consciência em suas diferentes fenomenologias e, através de suas práticas, é possível restabelecer no indivíduo o positivo, o saudável e o transcendente.

Pierre Weil define Psicologia Transpessoal como:

Um ramo da Psicologia especializada no estudo dos estados de consciência, lida mais especificamente com a “Experiência Cósmica” ou estados ditos “Superiores” ou “Ampliados” da consciência. Estes estados de consciência consistem na entrada numa dimensão fora do espaço-tempo tal como costuma ser percebida pelos nossos cinco sentidos. É uma aplicação da consciência comum com visão direta de uma realidade que se aproxima muito dos conceitos da física moderna. (WEIL, acciari SALDANHA, 2008, p. 42).

Weil (apud SALDANHA 2006), reconhece no homem, a tendência à procura da unidade da existência universal, que ele deixou de perceber e de viver, por uma hipertrofia do uso do neocéfalo em detrimento do paleocéfalo, dos cinco sentidos em detrimento do “sexto” sentido, do raciocínio em relação à intuição.

Continua a afirmação do autor:

[...] A dissolução do *ego* através da ampliação do campo da consciência dos níveis de realidade, da desidentificação dos diferentes planos experienciais e do controle dos diferentes graus da consciência, é um caminho para a consciência cósmica. Técnicas de relaxamento envolvendo a respiração e dissolução de toda atitude intelectual constituem valores relevantes na entrada desta dimensão cósmica (WEIL, 1999, p. 72, apud SALDANHA, 2006, p.137).

De acordo com Saldanha (2006, pg.33), o surgimento da Psicologia Transpessoal se dá em um momento de transição e integração do saber, em uma nova etapa da ciência e do conhecimento e, longe de ser hermética, é uma disciplina jovem, que sem dúvida faz parte das pesquisas de ponta sobre o desenvolvimento da mente humana, com promissoras perspectivas.

2 A ABORDAGEM INTEGRATIVA TRANSPESSOAL – AIT

A AIT, é um conhecimento em Psicologia construído por meio de profunda e extensa aplicação teórica e prática em Psicologia Transpessoal. Procura enfatizar a dimensão saudável do indivíduo, a qualidade da experiência humana, a autorrealização, reconhecendo a importância das necessidades dos impulsos espirituais como parte natural do desenvolvimento do Ser Humano em direção a expressão e manifestação do melhor no indivíduo em seu benefício e em benefício da sociedade.

enfo, através de seus recursos, a AIT, leva a modificações de crenças para a transformação e o despertar de uma consciência mais sábia, à medida que oportuniza que o próprio indivíduo dê sua contribuição e significado aos seus conteúdos mais profundos. Nesta visão, o terapeuta transpessoal, acolhe plenamente os conteúdos dos pacientes, sem procurar interpretá-los, favorecendo, dessa maneira, um trabalho dinâmico profundo.

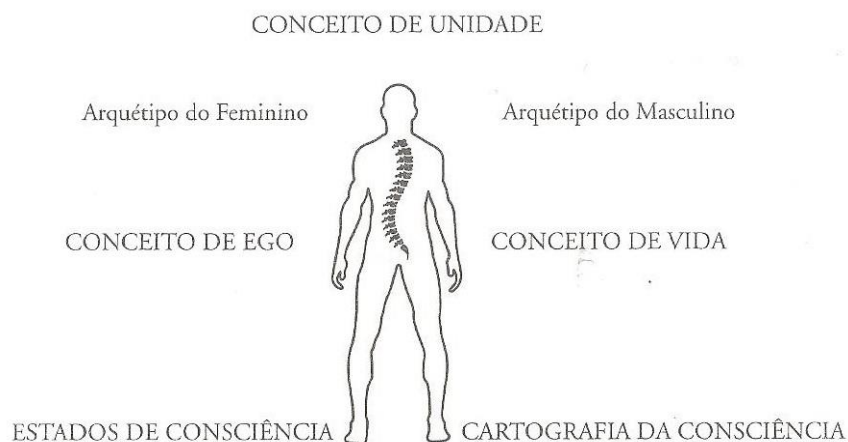
Para a organização dos conceitos essenciais em Psicologia Transpessoal, Vera Saldanha sistematizou a Abordagem Integrativa Transpessoal, dentro de dois aspectos básicos: o aspecto estrutural e o aspecto dinâmico. A sistematização da AIT favorece a emergência de uma consciência mais desperta de que estamos inseridos num contexto de transformação evolutiva, assim como, o desenvolvimento mais pleno do ser humano.

2.1 O Aspecto Estrutural da AIT

Formam o Corpo Teórico da Psicologia Transpessoal (SALDANHA e ACCIARI, 2019 p.39,40)

- Conceito de Unidade
- Conceito de Vida
- Conceito de Ego
- Estados ou Níveis de Consciência
- Cartografia da Consciência
- Arquétipo do Feminino e Masculino

Fig. 1 Corpo Teórico – Aspecto Estrutural da AIT



Fonte: Saldanha e Acciari 2019 p. 40

2.1.1 Conceito de Unidade

O pressuposto Básico em Psicologia Transpessoal é a unidade fundamental do Ser ou não fragmentação, o que Maslow relacionava com as experiências culminantes ou *peak experience*, denominado também de estado transpessoal, conceito posteriormente ampliado para “consciência de unidade”.

Em termos de unidade é preciso considerar um aspecto mais abrangente: “A Unidade Cósmica”, que representa o *todo*, o *absoluto*, onde o conceito de espaço e de tempo passam a inexistir.

A conexão com a ideia de Unidade Cósmica permite experienciar a paz, a tranquilidade, a confiança, o desapego, a serenidade e a harmonia.

A não conexão com o conceito de Unidade Cósmica, leva o indivíduo a manifestar o apego a objetos de prazer e o medo com a possibilidade de encontrar os objetos que causam desprazer. Nesta última situação, são despertados sentimentos de repulsa, ansiedade e medo. Com este conjunto de sentimentos a resistência imunológica apresenta uma queda, gerando doenças auto-imunes, patologias diversas, síndromes mentais (neuroses e psicoses).

De acordo com Saldanha e Acciari (2019, p. 42), o trabalho sob a égide da AIT, tem por objetivo primeiro e último resgatar a unidade fundamental do Ser.

2.1.2 Conceito de Vida

Em Psicologia Transpessoal, este conceito tem como caracterização básica a dimensão atemporal, ou seja, tudo é vida, energia, formas diversas de existência, algo que não é definido, nem se sabe quando iniciou ou quando terá fim.

Assim sendo, Vida é um pulsar contínuo, onde nascer, morrer e renascer fazem parte de um processo, em que há a possibilidade de mudar, ou ainda, modificar valores e crenças do indivíduo.

Pode haver várias mortes num período de vida do ser humano, assim como vários renascimentos, sendo que, para cada morte há uma nova etapa que se configura, com mudanças de valores e atitudes. Sob o enfoque transpessoal, o morrer é uma transição, ou seja, a passagem de uma forma para tomar outra, acrescida de elementos de maior alcance na escala universal, porém mantendo a essência indivisível do elemento anterior, que consiste na vida em si própria.

2.1.3 Conceito de Ego

Para Saldanha e Acciari (2019, p.42,43), o *ego* se caracteriza na AIT, como uma construção mental, ilusória e dual, com a tendência de ser partidário e de solidificar a energia mental em uma barreira, a qual separa o espaço em duas partes: o eu e o outro, isto ou aquilo, certo ou errado, atribuindo-lhe característica de julgamento e concepções da realidade.

O *ego* cria a dualidade, mas é necessário para operacionalizar a vida no cotidiano. Também se relaciona com a autoimagem, maneira pela qual o indivíduo se percebe e se reconhece a partir das convenções sociais e, atribui a si mesmo senso de valor e afetividade construtiva ou destrutiva.

Quando bem estruturado e não rígido, o *ego* tende a favorecer processos adaptativos do indivíduo nos diferentes espaços e relações com as quais entra em contato.

Quando o indivíduo apresenta um *ego* rígido, frágil, desestruturado ou fragmentado, o contato com a realidade poderá ser comprometido. Consequentemente, as percepções da realidade interna e externa desse indivíduo sofrerão distorções, o que poderá comprometer a adaptação e interação desse indivíduo.

Para Saldanha e Acciari (2019):

As técnicas transpessoais e a proposta da AIT visam restabelecer a comunicação entre as partes, promover a desidentificações e processos favoráveis ao desenvolvimento do ego, conferindo-lhe plasticidade, trabalhando o desapego das imagens parciais e conferindo-lhe um esvaziamento dos julgamentos, favorecendo acolhimento e abertura para os conteúdos de diferentes estados de consciência, inclusive do supraconsciente. (SALDANHA e ACCIARI 2019, p.43)

A morte do *ego* é vivenciada como uma mudança de nível de consciência, favorecendo o emergir de um estado de despertar, no qual há conexão com o Ser essencial.

Para Jean-Yves Leloup e Boff (1997, apud SALDANHA, 2008 p.168), esse ser é capaz de transitar pelo lado sombrio e pelo lado de luz de nossa psique, vai além dos antagonismos e possibilita a integração de paradoxos.

A morte e renascimento do *ego*, para a Psicologia Transpessoal, traz ao indivíduo a possibilidade de relacionar suas próprias experiências interiores, trazendo sentido à vida, integrando polaridades, transcendendo o *ego* rígido e fragmentado, vivenciando o que realmente existe.

2.1.4 Estados ou Níveis de Consciência

Segundo Saldanha e Acciari (2019, p.45), um estado de consciência é um padrão generalizado de funcionamento psicológico. De forma geral, se refere ao modo de funcionamento da consciência no momento da experiência que, conseqüentemente, influencia diretamente a percepção da realidade no instante em que acontece. Assim, de acordo com Weil (apud Saldanha e Acciari. 2019 p.45), a percepção da realidade está sempre em função do estado de consciência.

No corpo teórico, os estados de consciência, representam o caminhar pelas diferentes dimensões da consciência. Como passos que norteiam o processo, ampliam e favorecem a percepção de diferentes níveis de realidade, sendo um dos elementos que diferencia a Psicologia Transpessoal de outras abordagens.

Para Saldanha (2008, p. 172) a Psicologia Transpessoal prima por trabalhar com diferentes níveis de consciência e os concebe como parte da natureza da mente humana.

De acordo com o estado de consciência que está vivenciando o indivíduo percebe a realidade, sendo necessários à transmutação e transformação dos aspectos psíquicos, tanto os aspectos do supraconsciente como os do inconsciente

inferior. À medida em que a mente se esvazia de tudo que é disfuncional, torna-se receptiva à elaboração e integração de novos conteúdos.

Para Saldanha e Acciari (2019):

Associado ao conceito de estado de consciência, temos o processo de expansão da consciência, que é uma ampliação qualitativa no padrão comum da atividade da mente e que pode denotar distintos níveis de consciência em cada estado. Quando há um processo de expansão de consciência, temos uma alteração no modo de funcionamento da consciência que transita entre os diferentes estados e modifica a percepção da realidade. (SALDANHA e ACCIARI 2019, p.46,47)

Diversas vivências são favorecidas ao indivíduo através de distintos estados de consciência. Para melhor serem compreendidas, alguns autores mapearam e classificaram informações de outros níveis, além do estado de vigília, definindo assim, diferentes Cartografias ou Mapas da Consciência.

2.1.5 Cartografia da Consciência

A Cartografia da Consciência indica e nomeia a experiência vivenciada para um melhor entendimento do indivíduo sobre si mesmo, assim como amplia a percepção daqueles que trabalham com ele em processos terapêuticos de autoconhecimento e autodesenvolvimento. Possibilita ao terapeuta incursões profundas no inconsciente e, do mesmo modo, indica os passos dados na exploração da cartografia.

De acordo com Saldanha e Acciari (2019, p.45) a inclusão do nível transpessoal na biografia da consciência humana, foi nova e significativa no campo do conhecimento psicológico e traz um grande avanço para a Psicologia. A AIT, em sua sistematização, adotou a cartografia de Kenneth Ring, por esta se mostrar didática, completa e sintetizar a visão de vários autores.

Segundo Saldanha e Acciari (2019), a cartografia da consciência:

Revela a multidimensionalidade do ser, pois, ao acessar e explorar esses territórios, amplia a percepção e compreensão de si mesmo e dos mecanismos ativos na psique, favorecendo escolhas conscientes para um modo de vida mais saudável e integrativo. (SALDANHA e ACCIARI 2019, p.49)

Para esta pesquisa é relevante analisarmos mais detalhadamente o Inconsciente Transindividual da cartografia de Kenneth Ring.

Segundo Saldanha (2006 p.127), o inconsciente transindividual envolve experiências ancestrais, palingenéticas, raciais, coletivas e arquetípicas.

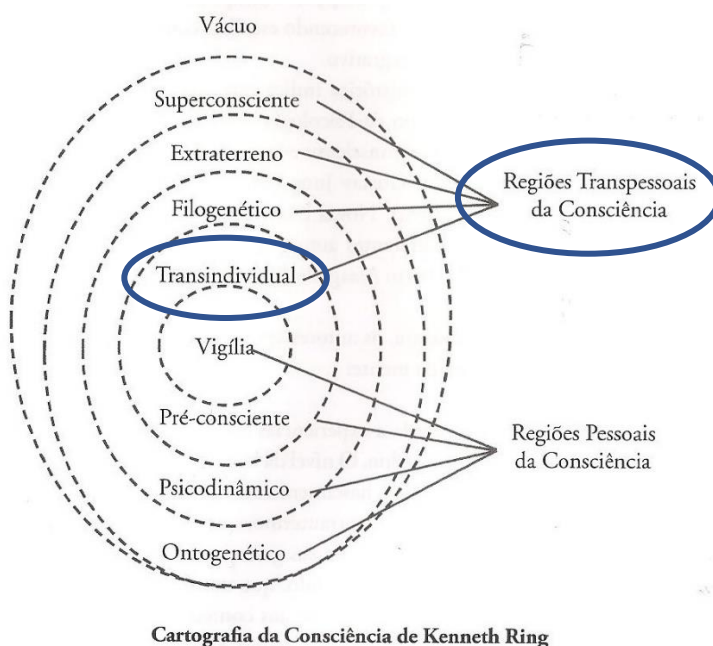
As experiências ancestrais se referem a explorações da própria linhagem genética; quando o indivíduo revive episódios das vidas de seus ancestrais, sente estar explorando sua própria história individual, seu código genético.

Já as experiências paligenéticas, transcendem os limites do ego e do próprio indivíduo, sendo constituídas por experiências dramáticas de outros tempos e lugares, geralmente acompanhadas de emoções fortes, gerando a compreensão intuitiva da lei do carma, pois ultrapassam a linha biológica e violam leis genéticas; há um vínculo com a evolução da própria consciência, diferente das vivências ancestrais, coletivas, raciais ou arquetípicas que possuem vínculos com ancestrais ou figuras míticas.

Para Saldanha (2006):

O enfoque transpessoal relata o fenômeno descrito pelas pessoas e reconhece o valor subjetivo para o indivíduo, porém essa dimensão vivencial faz parte da realidade dual; na consciência da unidade, jamais ocorrem “outras encarnações”. Assim, a visão de todas essas experiências são paradoxais: num certo sentido, poderão existir; em outro plano, no absoluto, na unidade, não existem; - coletivas e raciais: são as que ocorrem provenientes de várias culturas que já existiram, como se houvesse um inconsciente coletivo ou racial que contém toda a história da humanidade; - arquetípicas: são correlacionadas com a ideia de inconsciente coletivo de Jung, constituindo-se por símbolos universais da experiência humana, arquétipos ou imagens primordiais. (SALDANHA 2006 p.127)

Fig. 2 - Cartografia da Consciência de Kenneth Ring



Cartografia da Consciência de Kenneth Ring

Fonte: Saldanha e Acciari 2019 p. 50

Na prática, não existe uma delimitação tão rígida entre esses diferentes níveis de consciência. Muitas vezes, interpenetram-se ou são experienciados em frações de segundo, demonstrando que consciente e inconsciente são dimensões de uma mesma e única realidade. (SALDANHA, 2006, p.128 -129)

A exploração dos distintos estados de consciência e a mobilização dos estados expandidos de consciência na AIT, permitem o acesso a diferentes estados de consciência, o que ocorre por meio da estimulação do Aspecto Dinâmico dessa abordagem.

2.1.6 Arquétipo do Feminino e Masculino

Como representações simbólicas universais, são imagens primordiais que dão sentido às histórias transgeracionais, que formam o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo proposto por Platão e retomado por Jung. São forças poderosas da psique, que podem moldar a personalidade, direcionar comportamentos, criar determinadas crenças e valores construtivos ou destrutivos.

Para Saldanha e Acciari (2019):

Quando devidamente integrados e reconhecidos, esses arquétipos contribuem para a maturidade e equilíbrio do psiquismo, tanto em homens como em mulheres. Entretanto, quando reprimidos, inflacionados e direcionados para interesses pessoais e egocêntricos, vinculam-se à ambição, ao poder material e fugaz, favorecendo a competição e fragmentação. (SALDANHA & ACCIARI - 2019, p. 52)

O trabalho tanto com o feminino reprimido, assim como com o masculino superestimado e inflado é importante desde que, quando ambos expressam suas patologias, resultam em danos à inteireza, ao saudável de nossa humanidade e ao desenvolvimento da sociedade.

Assim, pela perspectiva da AIT, considerar os aspectos do feminino e masculino é fundamental, pois favorece a sinergia dessas energias na psique, de forma a valorizar seus atributos positivos, transformando-os em aspectos potencializados nos processos de superação dos obstáculos, o que favorece o crescimento e a evolução.

2.2 Aspectos Dinâmicos da AIT

São constituídos pelo Eixo Experiencial e Eixo Evolutivo, que expressam os elementos do corpo teórico em uma compreensão dinâmica.

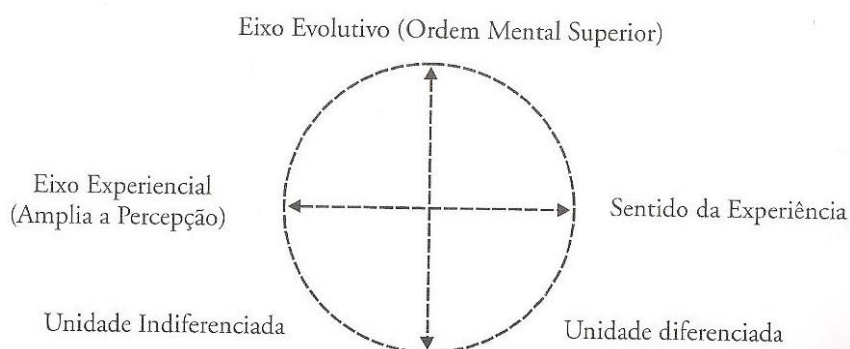
O eixo experiencial é constituído pelos quatro aspectos inerentes à natureza da psique humana, REIS, que, na AIT, se configuram como elementos do seu desenvolvimento psicoespiritual.

O eixo evolutivo é constituído pelos distintos estados de consciência e trazem uma visão mais ampla para o indivíduo, de sua vida e de sua ação no mundo. Da mesma forma, os distintos estados de consciência podem expandir-se em direção ascendente ou descendente, de maneira dinâmica, dependendo dos estímulos e fluxo das energias psíquicas circulantes. Conforme o eixo evolutivo é ativado, por meio de processos de expansão de consciência e a energia psíquica se movimenta no eixo ego-*self*, simbolicamente estabelece um fluxo de uma ordem mental superior e, pode-se evidenciar, um funcionamento psicoespiritual a partir do nível do *Self*. Desta forma, é ativado o desenvolvimento da individualidade na consciência humana.

De forma simbólica, o indivíduo passa de um estado indiferenciado para um estado de pleno desenvolvimento de seus potenciais mais elevados, em fluxo contínuo de ascensão e integração de sua plena consciência.

O Eixo experiencial simboliza a integração entre REIS, que é representado por uma linha horizontal sobre outra vertical que se cruzam ao meio. Sua origem remete ao modelo Junguiano de tipologia.

Fig. 3 Integração do Eixo Experiencial e Evolutivo



Fonte: Saldanha e Acciari 2019 p. 57

A interação e integração destes dois eixos imaginários, o experiencial e o evolutivo, caracterizam a visão integral do Ser saudável.

Quando esses elementos, REIS, estão ativos e integrados, a psique revela equilíbrio, harmonia e favorece o desenvolvimento de um ego saudável.

Na AIT, vários recursos para estimular vivências em diferentes estados de consciência são utilizados, de modo a favorecer os estados expandidos de consciência.

Quando o indivíduo suprime a expressão do REIS, ou identifica-se com uma dessas funções, restringe seu foco de percepção e propicia um estado de fragmentação que o impede de vivenciar sua própria experiência e, principalmente, ir além dela, aperfeiçoar seu conhecimento, trazer o sentido de sua ação e manifestar sua inteireza.

Integrar com congruência as funções psíquicas, significa estimular o eixo experiencial, favorecer ao indivíduo ter consciência do seu pensamento (razão), sentimento (emoção), intuição e sensação (REIS). Essa integração favorecerá a ampliação da percepção da realidade, encontrar o sentido da experiência e a emergência do eixo evolutivo, a dimensão do supraconsciente, validando assim o processo psíquico em curso.

O indivíduo percebe a totalidade ao percorrer o eixo evolutivo, desenvolve a unidade e sua especificidade, que é algo que lhe compete e a ninguém mais. É a evolução de sua própria consciência por meio agora do saber, ao mesmo tempo que há profundo sentimento de comunhão com o todo e com todos.

Quanto mais o indivíduo estiver integrado, presente no seu aqui e agora, mais experienciará, por completo, a situação em que está e desfrutará de todas as possibilidades que ela lhe oferece. Ao se conhecer melhor, desenvolve o potencial que lhe é inerente e dá sentido à existência pessoal e cósmica. Resgata a unidade e integra-se na totalidade, porque se sente em profunda comunhão com o Universo.

Relacionar os aspectos estruturais da AIT, ou corpo teórico, apresenta a visão de mundo e do homem. Já os aspectos dinâmicos, trazem os procedimentos técnicos utilizado na AIT e suas possibilidades de aplicação.

Na AIT os procedimentos técnicos que auxiliam na sua sistematização e favorecem a emergência de uma consciência mais desperta e, conseqüentemente, o desenvolvimento mais amplo do ser humano são:

- Intervenções Verbais
- Recursos Auxiliares ou Adjuntos
- Imaginação Ativa
- Reorganização Simbólica
- Dinâmica Interativa
- Grafismo Terapêutico
- Escrita Terapêutica

2.2.1 Intervenções Verbais

No setting terapêutico transpessoal, é o nível que representa toda gama de verbalizações, as quais facilitam estabelecer o vínculo no contexto terapêutico, desde o contato inicial, a exposição da queixa ou motivo da busca pelo atendimento, aspectos de sua vida, de forma a fornecer um quadro geral de seu desenvolvimento emocional, principais dificuldades e expectativas. Esse próprio indivíduo conhece sua evolução em algum nível de consciência, ainda que, no momento, possa parecer obscuro, o que é necessário apreender e como.

O terapeuta vai elucidar, focar, aprofundar, assim como acontece quando se coloca uma lente de aumento sobre aquilo que está confuso. E, dessa maneira, amplia, favorecendo então o insight e a aprendizagem significativa que se darão através do próprio indivíduo. Nesse instante, além da intervenção apropriada, considera-se a postura do terapeuta, pois ambas são praticamente indissociáveis.

2.2.2 Recursos Auxiliares ou Adjuntos

Denominados de auxiliares ou adjuntos, esses recursos não são exclusivos da Psicologia Transpessoal. Dentre eles destacamos o relaxamento sendo utilizados como recursos na medicina psicossomática, em exercícios antiestresse, no autodesenvolvimento e na aprendizagem, com intuito de:

- a) Facilitar a promoção de níveis de expansão da consciência, sobretudo do supraconsciente.
- b) Diminuir o nível de tensão e ansiedade.
- c) Impulsionar maior clareza mental e receptividade ao novo

As técnicas de *Relaxamento* favorecem a eliminação de contrações do corpo físico, manifestando um aumento do tônus muscular, propiciando maior conforto físico, mental e emocional, proporcionando alívio de tensões e diminuição da

ansiedade. Pode ser obtido pelo controle da respiração, através da contagem ou pela contração do corpo todo.

Através de sugestões de imagens visuais, cinestésicas e auditivas, que induzam a uma descontração física e mental, o relaxamento também poderá ser alcançado.

A *Concentração* é o ato de dirigir o foco mental, de fixar e manter a atenção em uma única coisa, que pode ser a própria respiração ou os batimentos cardíacos, ou a uma imagem externa (figura geométrica, pontos etc.).

A *Contemplação* é um estágio muito próximo da meditação e considerado um estágio posterior à concentração, onde há interiorização e aprofundamento mental quando o objeto de concentração se funde com o próprio indivíduo que o contempla.

Na *Meditação* há um estado de inação, porém, ao mesmo tempo, de uma presença plena com consciência da própria consciência. Para facilitar que o indivíduo entre e permaneça neste estado meditativo, há recursos técnicos. Entretanto, a meditação não é uma técnica em si e, para alcançá-la, recursos auxiliares como o relaxamento, a pacificação do corpo físico, da mente, da concentração ou da contemplação, podem favorecê-la. Do mesmo modo, o indivíduo pode alcançar o estado meditativo por focalizar a atenção na temperatura do ar que inspira e expira ou simplesmente por prestar atenção aos seus pensamentos.

2.2.3 Imaginação Ativa

Para Saldanha (2006 pg.153), Imaginação Ativa, é uma possibilidade do inconsciente de desenvolver imagens mentais, aparentemente aleatórias, mas que estão sendo criadas e contornadas pelas motivações mais profundas dos diferentes níveis do próprio indivíduo. Nessa fase do trabalho, potencializam-se aspectos da consciência de vigília, atualiza-se uma percepção mais ampla da realidade e estimula-se a presença da ordem mental superior.

Esse termo, Imaginação Ativa, é originário da psicologia junguiana e seus exercícios contribuem para que o indivíduo utilize imagens e cenários que oportunizam a vivência de experiências, que este pode colorir com os conteúdos do seu inconsciente. Também é denominada, por alguns autores, de visualização criativa.

Nos exercícios de imaginação ativa o cliente é guiado pelo terapeuta em uma jornada interior, na qual recebe comandos específicos que propiciam entrar em contato com um cenário no qual uma sequência de estímulos, na forma de imagens

simbólicas, propicia que a pessoa dê vida, movimento e identidade aos elementos, de acordo com referências de sua psique.

Através de imagens gerais definidas pelo terapeuta, o indivíduo, em estado de consciência ampliada, encontra-se mais receptivo para acolher, perceber, sentir e intuir os conteúdos do nível supraconsciente e, este fato, favorece os insights e uma compreensão mais ampla de sua realidade que, se mantivesse o estado de vigília, dificilmente seria experienciada ou captada. Sem exceção, esses exercícios são precedidos e favorecidos por uma pequena sensibilização ou por relaxamento, através do contato com a respiração, contrações fortes do corpo seguidas por descontrações ou pela temperatura do ar que expira e inspira.

2.2.4 Reorganização Simbólica

Envolve a imaginação, mas vai além, desde que possibilita a organização de determinados conteúdos, numa sequência lógica e adequada, seja no aspecto psíquico, temporal ou espacial, incluindo clarear metas, objetivos e propósitos.

A partir de um processo de reorganização cognitiva e emocional, traz um processo que permite ao indivíduo fazer uma retrospectiva do passado com perspectivas de futuro, analisando propostas no momento presente, objetivando atualizações, mudanças e adequações.

Por ser um trabalho que estimula o desenvolvimento de perspectivas de futuro, desperta o indivíduo para o significado da vida, aumentando a percepção do todo, permitindo a identificação de núcleos de apego, crenças limitantes, fantasias desagregadoras, projeções e aspectos de inadequação.

Quando empregada em estados ampliados de consciência, propicia que o indivíduo visualize execução de metas, dando vida às imagens mentais, ativando a intuição e os processos psíquicos inconscientes, que transformam esses desejos em realidade por meio das atitudes no cotidiano.

2.2.5 Dinâmica Interativa – As Sete Etapas

No contexto clínico, a dinâmica interativa, favorece a integração de nova resposta, à disponibilização de um novo contexto, um novo fazer. O olhar de outro lugar, um novo olhar, ou seja, são etapas que integram naturalmente um processo de despertar.

O fluxo psíquico de uma pessoa saudável, em uma experiência saudável e bem sucedida, tem a tendência de fluir em etapas, que foram observadas e classificadas em sete etapas da AIT. Estas podem ser sensibilizadas através de um nível

imaginário vivencial, com base em diálogos durante as jornadas míticas de fantasia, imaginação ativa, psicodrama interno, pessoal e transpessoal, além de trabalho corporal e sensorial, personificação de conteúdo, utilização de metáforas no grafismo e escrita terapêutica, representação simbólica, objetivação de conteúdos, entre outros. Podem facilitar *insights* profundos e reveladores, gerando grande significado tanto nos processos de autoconhecimento, como de atualização psíquica e aprendizagem.

São poderosos exercícios que trazem profundas experiências do inconsciente e das experiências da vida, possibilitando uma transformação, tanto na percepção como no estado mental e emocional, comportamentos e atitudes, gerando novas aprendizagens como consequência das transformações na consciência do indivíduo.

Na dinâmica interativa são articulados diferentes conteúdos do inconsciente nos vários estados de consciência, portanto, é um dos trabalhos que mais exigem do profissional em termos de preparação e formação, pois seus exercícios poderosos trazem experiências profundas do indivíduo.

Ao longo de seu percurso profissional, Saldanha (2006 pg.161), observou que ocorre um aprofundamento e elaboração dos conteúdos trazidos, através de **sete etapas específicas**, denominadas: Reconhecimento, Identificação, Desidentificação, Transformação, Transmutação, Elaboração e Integração.

Para Saldanha (2006):

[...] São etapas de uma técnica, a que denominamos interativa, e são também etapas integrativas de um processo de desenvolvimento pessoal, estando vinculadas às necessidades básicas da teoria da motivação, descrita por Maslow, e relacionadas por Weil, aos sete centros do desenvolvimento psíquico e transpessoal [...] (SALDANHA, 2006, p.161).

Didaticamente as sete etapas estão descritas separadamente, porém, na dimensão psicoespiritual, elas acontecem de forma dinâmica e integrada, sendo que, cada uma das etapas contém em si, todas as sete etapas.

a) 1. Reconhecimento:

É o momento da mobilização interna, onde aparece a Motivação, que é o momento em que há uma lacuna, um espaço de desconhecimento diante de algo novo, não aprendido. Na área clínica é a “queixa”, o estado que leva o indivíduo ao sofrimento, à busca do “auxílio”. Há a mobilização interna do indivíduo para acolhimento do novo; o REIS é estimulado, sendo o início da movimentação

psicofísica em relação à situação com a qual entrou em contato. Há neste momento um espaço de desconhecimento diante do novo, do não aprendido.

Para que este reconhecimento traga suas sementes promissoras é necessário a virtude ou **valor da humildade**, sem a qual, é praticamente certo o tropeço no ego e na arrogância, que provoca desvios no caminho. Enquanto o indivíduo não reconhecer e integrar em sua consciência de vigília, estados mais sábios e elevados, pode permanecer adormecido e inconsciente, ou seja, mantém um ego despreparado, rígido/imaturo, ou inflexível e continua sentindo os efeitos das “tempestades” em sua vida. A partir do Reconhecimento da situação, há abertura para o próximo passo ou etapa:

b) 2. Identificação:

O indivíduo pode manifestar e vivenciar sensações físicas, emocionais e pensamentos de forma intensa, o que pode fazer com que se sinta sequestrado por estas experiências. O seu ego pode mostrar-se frágil ou muito rígido.

A etapa da identificação só ocorrerá se houver ressonância emocional com a necessidade básica em que o indivíduo se encontra, o que favorece a participação, o interesse ou envolvimento. Caso isto não ocorra, a pessoa tende a abandonar a experiência.

Para identificar a real condição de sua existência é necessária a **coragem** de mergulhar no inconsciente, de identificar o seu melhor e o seu pior. A **coragem** de tentar muitas vezes e, mesmo se errar, persistir, sempre! Buscando identificar pensamentos, sentimentos, a razão, as emoções, as intuições e sensações, vivenciando os “dramas e as histórias”.

Na área clínica é o momento da vivência da emoção, da dor, do sofrimento com o qual o indivíduo se encontra identificado.

Com o eixo experiencial se constituindo, a experienciação vai acontecendo e, a partir da vivência, da experiência individual e coletiva em todos os grupos dos quais participa, é que o indivíduo pode de fato apreender e conhecer muitos de seus aspectos psíquicos, ainda que não na totalidade de sua consciência e inconsciência, individual ou coletiva.

A partir deste nível de profundidade experiencial, é possível ao indivíduo começar a despertar para algo que possa transcender essa realidade limitada, normótica, repleta de identificações oriundas de seus medos, desejos e perceber que nasceu para evoluir, vencer e despertar sua consciência.

Nesta etapa há um contato mais direto com as dificuldades internas e externas, com processos de catarse ab-reativa e de integração, sendo que, estas vivências facilitarão o passo entrar na etapa seguinte.

c) 3. Desidentificação:

Nesta etapa ocorre o discernimento crítico, a análise, reflexão articulada em diferentes aspectos. Portanto, o primeiro passo para que a desidentificação ocorra é que indivíduo tenha experienciado a identificação; não há como desidentificar-se daquilo que ainda não reconheceu em si, seja ideia, emoção ou conflito.

Na desidentificação, diferentes recursos são utilizados de forma a estimular a pessoa a “ver de fora”, ou seja, a partir desta fase, que o indivíduo pode tomar distância daquilo com o que está identificado (é a lógica do terceiro incluso), sendo convidado ao discernimento crítico, à análise, à reflexão articulada e a razão amplamente estimulada de forma imparcial. Neste momento de transição, o indivíduo percebe que está identificado, entretanto não é apenas isso, é algo além! E, para experienciar esse “algo além”, na desidentificação, é necessária a virtude do **desapego** em relação à condição identificada, seja ela de dor, limitação ou de grande prazer para poder, assim, criar o vácuo receptivo para a próxima etapa e novas inter-relações.

Em termos didáticos pode-se dizer que houve ampliação da percepção com abertura para o eixo evolutivo e reflexões mais profundas acerca do conhecimento adquirido, entretanto, o indivíduo pode se cristalizar em uma fase extremamente “intelectual”, onde pode chegar a ser brilhante do ponto de vista teórico e até mesmo profissional, mas não existe a mesma qualidade em sua vida pessoal, havendo ainda a fragmentação.

Na área clínica, em contextos de conflitos e dificuldades, é fundamental esta fase, pois as emoções reprimidas ou patológicas precisam vir à tona para que o trabalho psíquico aconteça.

Se nesse momento é favorecida ao indivíduo a sua inteireza pessoal e valorizados aspectos da vida humana, sobretudo, a intuição e a sensação, há uma abertura para níveis mais diferenciados de percepção, emergindo, natural e até concomitantemente, a etapa seguinte.

d) 4. Transmutação:

É o momento da percepção da totalidade, do geral e do simultaneamente específico, do que é mais particular. É a etapa que envolve possibilidades, pois nada

é inteiramente mal; nada é inteiramente bom; nada é inteiramente certo; nada é inteiramente errado; tudo se torna relativo. O indivíduo é estimulado a experimentar novas possibilidades, a conhecer por si próprio surgindo, contudo, os desafios do caminho a seguir e aspectos disfuncionais de uma mesma realidade são confrontados. No trabalho com a AIT, estimula-se a intuição, a contemplação para refletir o lado humano e ético do conflito, não apenas o intelectual.

Ao abandonar os julgamentos regidos pelo certo ou errado, bom ou mau de sua mente egóica, se permite sentir o manto da **compaixão**, a verdadeira caridade com o outro e consigo mesmo, um dos valores do Ser. Na área clínica precede o perdão, o auto-perdão, a ampliação de percepção e, sobretudo, a perspectiva de aprendizagem e crescimento com maturidade para o indivíduo.

O nível superior da consciência emerge, vem à tona, manifesta-se, possibilitando a etapa seguinte.

e) 5. Transformação:

Na Transformação há um novo olhar, um novo sentir. O que era já não é mais, tudo mudou. É o momento em que o conhecimento se transforma. Não se questiona mais, pois já não há mais inquietações e dúvidas; há uma entrega à realidade do divino, da imortalidade; não se trata de acreditar ou não, simplesmente é um fato em seu ser, na sua realidade.

Partindo dos processos ocorridos nas etapas anteriores o indivíduo é impulsionado pela energia do *Self* e desenvolve recursos neuropsíquicos para sua experiência pessoal, a que Leloup chama de individualidade criadora.

Didaticamente pode-se sugerir que houve uma passagem, uma mudança de nível, de ordem estrutural da informação. Ela é já uma aquisição diferenciada, traz um novo referencial interno e externo para o indivíduo.

Manifesta-se a **virtude da Fé**, uma rendição total Àquele que É maior do que todos nós, não importa o seu nome (Deus, Cristo, Buda).

O ego rende-se ao self, ao eu superior; é o fazer com sentido, por escolha própria, um novo passo surge.

No Contexto terapêutico é quando emergem as respostas. As soluções ao conflito e dificuldades são transformadas e novas perspectivas diferenciadas emergem.

f) 6. Elaboração:

Nesta etapa ocorre a elaboração advinda da própria transformação, com os *insights* da nova aquisição. Há apreensão global da situação e das possibilidades e articulações, promovendo o novo, diferenciado.

O estado mental é outro, a situação já é outra. Há elaboração entre o self e o ego. Revelam-se o sentido da aquisição nova, a dimensão que possui no contexto pessoal, social, espiritual e o sentido da experiência em seu eixo experiencial e evolutivo.

Há então uma apreensão do verdadeiro conhecimento e do sentido desse saber na vida do indivíduo.

No contexto terapêutico, ele experiencia também o sentido positivo do que antes lhe foi adverso. Há força e poder pessoal que emerge.

Manifesta-se a **equanimidade** (tranquilidade de espírito; moderação) como aliada, pois só ela possibilita olhar para si e para o outro como um especial e único e ao mesmo tempo pertencente a todos; traz a sabedoria essencial, que favorece o sétimo passo:

g) 7. Integração:

As novas apreensões são integradas no mundo interno e externo do indivíduo. Há a incorporação do conhecimento na vida pessoal, profissional e cotidiana, mas agora já inserido no todo do ser. O indivíduo jamais será o mesmo; há um novo olhar e um novo fazer; seu horizonte e perspectivas se ampliaram com a aquisição desses novos conhecimentos.

Quanto maior a aprendizagem, maior essa consciência da integração, mais plena, nas várias dimensões: pessoal, coletiva e cósmica, assim como nas distintas áreas da vivência do indivíduo. Essa dinâmica natural de integração e apreensão do conhecimento é o que o torna um instrumento vivo, parte íntima do processo transformador e revelador da vida humana, contribui no nível social e coletivo, ao mesmo tempo em que dá sentido à existência.

O indivíduo descobre que, ao fazer o bem para o outro, é o maior recompensado. Assim como quando faz um bem a si, naturalmente o outro recebe um bem maior, revelando um valor onipresente: o Amor, a força infinita que tudo rege, cria incessantemente valores positivos, traz a plenitude e a paz. Neste momento consolida-se a máxima cristã: “Todos nós somos irmãos”.

No contexto clínico, favorece a integração desta nova resposta, à disponibilização de um novo contexto, um novo fazer. O olhar de outro lugar, um novo olhar. Para um bem pessoal e naturalmente um bem coletivo e social.

Os sete grandes passos evolutivos estão presentes em nossa existência, em nossas ações individuais e coletivas, em nossas escolhas pessoais e profissionais. Emergem sempre que buscamos nos conhecer com verdade, beleza e bondade.

Basta estarmos abertos, mais conscientes, despertos para o autoconhecimento e esses passos acontecerão naturalmente, evidenciando que a evolução e valores são indissociáveis na vida humana.

Se a vida é um caminho do despertar da consciência, esses são os sete passos que fazem germinar, crescer e florescer a evolução no plano pessoal e coletivo. Igualmente, esses passos também promovem valores da nossa evolução: humildade, coragem, desapego, compaixão, fé, sabedoria, equanimidade e amor.

2.2.6 Grafismo Terapêutico

É um recurso técnico na AIT; uma forma de representação gráfica que o indivíduo se utiliza para expressar simbolicamente conteúdos, ideias, conceitos, podendo ser simples, sem lógica ou evoluir para desenhos mais complexos e elaborados.

O grafismo na AIT pode ser utilizado como técnica principal ou estar associado a outras técnicas, como imaginação ativa e escrita terapêutica, sendo de grande relevância na exploração e expressão de conteúdos do inconsciente desde que, permite expressar por meio de cores e formas, o que a palavra não alcança.

Ao atribuir significado e conteúdo a cores, formas e símbolos, são estabelecidas relações entre eles e situações ou pessoas do seu atual momento de vida, podendo então contextualizar a experiência em sua realidade, facilitando associações e elaborações. A escrita terapêutica pode favorecer a integração da experiência e do conteúdo no sistema neurológico, estimulando os eixos experiencial e evolutivo.

2.2.7 Escrita Terapêutica

Por ser uma atividade neuropsíquica, é uma técnica muito eficaz para integrar os quatro elementos do desenvolvimento psíquico e espiritual da AIT (REIS).

A escrita propicia o processo de organização interna, ocorrendo a liberação das emoções, alívio do estresse, o que favorece a elaboração dos conteúdos, facilitando a assimilação da experiência, atenuação da angústia, desenvolvimento de atitude

resiliente, estímulo à intuição e à criatividade. Além disso, propicia profundas reflexões e favorece significativamente o autoconhecimento; facilita a interlocução interna e amplia estados de consciência, desde que possibilita a exploração íntima e profunda do mundo interior de forma atemporal, sustentando a experiência de forma concreta no aqui e agora, propiciando reflexões futuras a respeito.

2.3 A Postura do Terapeuta Transpessoal

O terapeuta transpessoal conhece a importância de sua abertura à noção de que o ser humano possui um manancial de possibilidades inesgotáveis e, essa noção, é vital para o trabalho de transformação e emergência da espontaneidade, assim como para a qualidade do atendimento e da relação com seu cliente.

O primeiro contato com o cliente é um facilitador no processo de empatia e importante para construir as bases para o estabelecimento de uma boa aliança terapêutica.

O trabalho do próprio facilitador, que deve manter um trabalho constante em relação às suas próprias questões, é um dos pontos fundamentais, pois é imprescindível tomar consciência de suas questões, trabalhá-las e, por fim, integrá-las ao seu ser, a fim de ajudar o outro a fazer o mesmo.

Da mesma forma, cultivar a arte da transcendência, para desenvolver e ampliar sua percepção, é fundamental na relação entre cliente e terapeuta. O sentido de presença, a sustentação da atenção, o trabalho com a própria sombra a fim de encontrar a luz e caminhar rumo à sua transformação, são fatores essenciais do terapeuta. Entretanto, a perfeição inexistente; e o esforço para alcançar este estado já é parte da meta de alcançá-lo. Sem dúvida, é um caminho construído gradativamente, indefinidamente, cuidando para não favorecer o ego inflado, assim como a auto-imagem idealizada.

Se o terapeuta permanece no julgamento, na projeção defensiva ou na dualidade, certamente será também um censor para o cliente e, mesmo que não explicita verbalmente esses seus sentimentos, essa postura não passará despercebida pelo cliente, o que certamente interferirá nesse processo.

Assim sendo, é realmente necessário ouvir os conteúdos do cliente utilizando de “transcendência”; superando a imediata rotulação de certo ou errado, para que a espontaneidade possa fluir naturalmente e, assim, o indivíduo possa trazer a aprendizagem interior, pela percepção da situação, dos sentimentos, da definição do problema. Essa é uma forma através da qual se propicia a presença do eixo

experiential, através da Razão, Emoção, Intuição e Sensação (R.E.I.S.), que facilitará a manifestação do eixo evolutivo no indivíduo, através da ordem mental superior, que representa simbolicamente, o aprendiz interno, o eu superior, o seu núcleo saudável e de equilíbrio.

A postura do terapeuta é fundamental para que o vínculo seja estabelecido com o cliente. É imprescindível que o terapeuta possua treinamento suficiente para intervir, verbalmente ou não, sem comprometer a comunicação entre ambos.

Para Saldanha (2006):

Na situação terapêutica, é necessário que o profissional esteja em contínuo trabalho, focando as polaridades em direção à sinergia e cultivando sua dimensão transpessoal. Essas considerações representam o trabalho em si próprio, através da pulsão, de vida, morte e transcendência, tanto na educação, quanto nas instituições e na clínica. (Saldanha, 2006 p. 151).

Moreno (Apud Saldanha, 2006 p.151-152) falava da comunicação de co-inconsciente a co-inconsciente, ampliando a percepção além dos cinco sentidos, favorecendo a tele. O conceito de tele, defendido por esse autor, tem aspectos significativos no referencial transpessoal, representa a estimativa correta que uma pessoa faz da outra. É uma percepção interna e mútua dos indivíduos a qual emerge no momento do encontro. No enfoque transpessoal o encontro “telico” é essencial.

Além desses, outros fatores significativos são:

- não ter expectativas em relação ao indivíduo, que possam gerar cobranças e ansiedade no outro;
- não emitir opiniões depreciativas ou fazer comparações pessoais entre diferentes indivíduos;
- as intervenções verbais ao indivíduo deverão ser feitas de forma clara, simples e objetiva, sem súplicas ou imposições;
- mesmo após a formação, o terapeuta transpessoal deverá fazer um aprimoramento profissional periodicamente:
- evitar a idolatria ou se colocar como um “guru” que sabe de coisas que os “outros” não conseguem acessar.

Segundo Saldanha (2006), esse último fator é um dos aspectos em que há muita margem e polêmica na orientação transpessoal.

Quando há uma visão superficial desta abordagem ou quando se faz uma transposição de dogmas religiosos para a psicologia, confunde-se a pulsão de “transcendência”, que é natural e inerente ao ser humano, com um atributo exclusivo de poucos “eleitos” e, por isso, superiores aos outros. A

clarificação do conceito de Unidade evidencia-nos que estamos comprometidos com a evolução do planeta e de todos os seres humanos. (SALDANHA, 2006 p.152)

É fundamental ter em mente que, tanto o ser mais sábio e generoso, como o mais hediondo ser humano, em certo sentido, relacionam-se com aspectos de cada um de nós.

Quando o terapeuta for instado a se posicionar sobre qualquer assunto, deve-se evitar rigidez ou polêmica, oferecendo abertura a possibilidades diferentes pois, cada indivíduo é único e, portanto, pode perceber sob a ótica de outro estado de consciência, sem por isso estar mais certo ou mais errado, apenas diferente.

Fiorini (1978) apud SALDANHA 2006 p. 153, apresentou propostas significativas sobre a relação psicoterapêutica. Tais propostas são mencionadas abaixo:

- algumas vezes, explorar em detalhes as respostas do indivíduo;
- confirmar ou retificar os conceitos sobre a situação de modo desprovido de julgamentos ou interpretações;
- relembrar, resumidamente, pontos essenciais surgidos no processo de investigação terapêutica em cada sessão ou no conjunto do tema. Favorecer uma síntese;
- evidenciar relações entre dados, sequências, temas significativos, capacidades manifestadas e latentes no indivíduo, ou induzi-lo a esse procedimento por si mesmo;
- favorecer ao indivíduo a própria interpretação do significado da situação, das motivações, das finalidades latentes e do que emergir em cada circunstância;
- há indivíduos que, naturalmente, só racionalizam. É preciso estar atento aos casos que extrapolem e tornem o processo todo o tempo só intelectualizado.

É fundamental lembrar que o trabalho vivencial ou experiencial é a tônica na abordagem transpessoal e a emoção, intuição e sensação são fundamentais no processo de aprendizagem, assim como as elaborações do próprio indivíduo são excelentes, quando advindas das experiências dele, caracterizando-se pela compreensão ampla do seu ser.

Descritos os principais aspectos da Psicologia Transpessoal e da AIT, caminhamos agora para conhecer uma pouco mais sobre a Constelação Familiar e seu idealizador.

3 A CONSTELAÇÃO FAMILIAR

A Trajetória de Bert Hellinger

Segundo Schubert (2011), Silva (2017) e Cardoso (S.D.), Anton Suitbert Hellinger, mais conhecido como Bert Hellinger, nasceu em Leimen, na Alemanha em 18 de dezembro de 1925, numa família católica. Aos 18 anos, em 1943, foi recrutado pelo regime nazista para ser soldado na guerra. Em novembro de 1944, tornou-se prisioneiro de guerra e, depois de um ano, conseguiu escapar da prisão retornando para a Alemanha. Aos 20 anos, com o fim da guerra, tornou-se padre, concluindo o curso de Teologia e Filosofia na Universidade de Würzburgo.

Ao final dos anos 60, após 16 anos como missionário de uma ordem religiosa na África do Sul, convivendo e observando os costumes, comportamentos, rituais e a maneira muito particular da tribo Zulu em cultuar os seus antepassados, Bert Hellinger deixou o clero e retornou à Alemanha.

Mas o que o teria motivado a isso?

Renato Shaan Bertate (2019), relata que:

Bert Hellinger começou a perceber que sua condição de sacerdote o limitava e até mesmo o impedia de ajudar as pessoas dentro de outras dimensões. Isso porque, permanecendo ligado à igreja católica, todo crescimento e expansão da compreensão da vida e até mesmo o seu papel como “ajudador” teriam chegado a um limite, já que todas as crenças e dogmas ligados à religião católica, não propiciavam que ajudasse mais profundamente as pessoas e nem a si próprio. Ao olhar para Deus apenas pelo prisma do catolicismo, estaria excluindo o modo como outras pessoas e religiões olhavam para Deus. Para Bert, existia um amor expandido, muito maior e não apenas um amor estreito e limitado por uma religião. Acreditava que, para continuar crescendo, seria necessário se abrir para esse amor maior. Foi assim que se despediu do sacerdócio e, então, voltou para a Alemanha, onde estudou Gestalt Terapia, depois cursou psicanálise em Viena e em 1973 mudou-se para a Califórnia para estudar Terapia Primal, interessando-se também pela Análise Transacional. As Ordens do Amor - Vídeo grupo de estudos Direito Sistêmico #23 de 05/08/2019 (Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=ptrKy2tesul> minuto:41:42 a 43:30, acesso em 19/10/2019)

O Desenvolvimento da Constelação Familiar

Segundo FRANKE (2006, pg.12), as constelações foram construídas sobre os conhecimentos de precursores como Jacob Moreno, Boszormenyi-Nagy e Virginia Satir. É necessário considerar também a contribuição da psicóloga e psicoterapeuta francesa Anne Ancelin Schutzenberger.

Na década de 1930, Jacob Moreno criou o psicodrama, uma técnica psicoterápica cujas origens se acham no Teatro e, dessa forma, introduziu uma ideia inovadora de terapia. Contrapôs a encenação, uma espécie de teatro, ao contexto individual comum, estático, da psicanálise daquela época.

A psicoterapeuta Virginia Satir em 1964 apresentou ao mundo sua teoria sobre reconstrução familiar e a escultura familiar, método em que os membros familiares são colocados a fim de tornar clara a estrutura familiar através de uma representação espacial dos relacionamentos.

Para Ivan Boszormenyi-Nagy, as “lealdades Invisíveis” estabelecem-se entre os membros de uma família, que ficam conectados a solicitações também inconscientes de seus antepassados, conduzindo-os a uma fidelidade que muitas vezes vai contra seus desejos. Boszormenyi-Nagy acentua o equilíbrio entre o dar e o receber e, como elemento essencial em relacionamentos, descreve uma ética implícita que exige justiça e equilíbrio. Portanto, em relacionamentos, é necessário que domine um equilíbrio entre os benefícios recebidos e dados.

Já a Psicogenealogia ou o estudo da árvore genealógica, de Anne Ancelin Schutzenberger, ultrapassa as datas de nascimento e considera vínculos, laços, dificuldades, eventos importantes, traumas e segredos que estão envolvidos na história de cada ser humano de forma transgeracional. Segundo Knobel (2016), o trabalho psicogenealógico utiliza o método gráfico criado por Anne Ancelin-Schützenberger, o genossociograma, que representa, por meio de símbolos, os constituintes de pelo menos três gerações do paciente em questão, desvelando as lealdades invisíveis a pessoas importantes de gerações anteriores, envolvidas em eventos traumáticos ocultos.

Assim, é importante trazer e reverenciar esses e outros trabalhos precursores das Constelações Familiares com cunho fenomenológico, segundo Bert Hellinger, como a conhecemos hoje.

O Aspecto Fenomenológico

O conceito de fenomenologia está ligado à filosofia humanista de tradição alemã, tendo como precursor o filósofo Edmund Husserl (1859-1938).

Segundo a fenomenologia de Husserl, todos os fenômenos do mundo devem ser pensados a partir das percepções mentais de cada ser humano, ou seja, a análise dos fenômenos no âmbito da consciência, no intuito de se tentar apreender as coisas em si mesmas, isto é, como elas são.

Para Hellinger (2003), o caminho científico e o caminho fenomenológico, esses dois movimentos nos levam ao conhecimento:

O primeiro é exploratório e quer abarcar alguma coisa até então desconhecida, para apropriar-se e dispor dela. O esforço científico pertence a esse tipo e sabemos quanto ele transformou, assegurou e enriqueceu o nosso mundo e a nossa vida. O segundo movimento nasce quando nos detemos durante o esforço exploratório e dirigimos o olhar, não mais para um determinado objeto apreensível, mas para um todo. [...] Esse movimento, que inicialmente se detém e depois se retrai, eu chamo de fenomenológico. Ele nos leva a conhecimentos diferentes dos que podemos obter pelo movimento do conhecimento exploratório. Ambos se completam, porém. Pois também no movimento do conhecimento científico exploratório, precisamos às vezes parar e dirigir o olhar do estreito ao amplo, do próximo ao distante. Por sua vez, o conhecimento obtido pela fenomenologia precisa ser verificado no indivíduo e no próximo. (HELLINGER, 2003, pg.14).

Em seu livro “Ordens do Amor” (2005, p.26), Hellinger refere que o método fenomenológico é originalmente um método filosófico e acontece quando a pessoa (o terapeuta) se expõe uma coisa, sem intenção, sem medo, esquecendo tudo aquilo que sabia, até então, sobre ela. Expondo-se a um contexto obscuro, de repente, apreende a essência de uma coisa.

A Constelação Familiar, como uma abordagem Sistêmica Fenomenológica, proporciona o acesso a informações preciosas do sistema familiar do cliente, e assim, oportuniza que questões profundas sejam abordadas.

O método integrativo transpessoal proposto na AIT, desde que estuda as diferentes cartografias da consciência, também admite o aspecto fenomenológico.

O Campo Mórfico ou Campo Morfogenético

Hellinger (2003 pg.17) considera que, no trabalho com as constelações familiares fica evidente que, entre o cliente e os membros de seu sistema, atua um campo de força que é dotado de saber e o transmite através da simples participação, sem mediação externa.

Em 1981, o biólogo e bioquímico, inglês Rupert Sheldrake postulou uma teoria, que pode ser entendida como um processo de difusão de informação, não-intencional que articula coletividades de qualquer tipo. A essa transmissão de informações à distância, Sheldrake denominou “ressonância mórfica” (SHELDRAKE, 2013).

Segundo Franke (2006):

Rupert Sheldrake retomou a antiga ideia da totalidade abrangente, continuou a desenvolvê-la e a transformou num aspecto central de suas pesquisas. Ele descreve os princípios básicos do campo mórfico que

refletem as ideias de Thales sobre a alma universal e os pensamentos de Carl Gustav Jung sobre um inconsciente coletivo. Toda estrutura, seja uma organização, um organismo ou um sistema vive num campo mórfico que atua como uma memória onde estão armazenadas todas as informações importantes do sistema. Portanto, todos os elementos individuais como partes do todo estão em ressonância com o todo. Cada parte dessa estrutura, portanto, cada membro desse sistema ou cada indivíduo de uma organização participa do conhecimento sobre o todo e de todos os acontecimentos importantes. Nesse sentido, a memória não é observada como uma função ou uma conquista pessoal de nosso cérebro, mas como um “campo de memória”, no qual nos movimentamos como um rádio, no meio de ondas radiofônicas. (FRANKE 2006 pg.21-22)

Permeando o tempo e o espaço, as informações são transmitidas pelos campos morfogenéticos e atingem os seres da mesma espécie, fazendo com que se comportem da mesma maneira que seus antecessores, apesar de inexistir qualquer contato anterior entre eles.

Para Sheldrake (2013):

As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. **Aquilo que acontece depende daquilo que aconteceu antes** (grifo nosso). A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado ressonância mórfica, que atua em campos chamados de Campos Mórficos. (SHELDRAKE, 2013, pg 16).

Investigando o que se apresenta na prática, Hellinger observou a existência de padrões de comportamento se repetem nos sistemas familiares ao longo de gerações.

Segundo Hellinger (2003):

Sistema (familiar) significa uma comunidade de pessoas unidas pelo destino, através de várias gerações, cujos membros podem ser inconscientemente envolvidos no destino de outros membros. Reconhece-se a amplitude do sistema, pela amplitude dos destinos que provocam tais envolvimento. (HELLINGER, 2003, pg.90).

Para Ursula Franke (2006) os assuntos não resolvidos no passado podem se transformar em um padrão, capaz, no entanto, de ser modificado na medida em que experiências novas e ampliadas produzem um outro e novo padrão. Identifica ainda possibilidades de ajuda desenvolvidas no trabalho terapêutico e que auxiliam nessa mudança de imagem e percepção do mundo realizada pelo cliente, que em última análise pode transformar o seu passado.

O Pensamento Sistêmico

Segundo o físico teórico e escritor Fritjof Capra (2006), até o início do século XX predominava o pensamento mecanicista, ou seja, todos os fenômenos da física, e mesmo da natureza eram reduzidos a sistemas de forças atuantes entre corpos materiais.

Quando o bioquímico Lawrence Henderson, utilizou o termo “sistema”, este passou a significar *um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes*.

Portanto, dizer que algo é sistêmico, significa afirmar que esse algo é constituído por um conjunto de partes que se influenciam mutuamente.

De acordo com Capra (2006):

Na abordagem sistêmica, as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo. [...] O pensamento sistêmico é "contextual", o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo. (CAPRA, 2006, pg.39).

Na visão da Constelação Familiar, assim como os conjuntos de estrelas formam figuras no céu, todos estamos ligados a sistemas, que seriam constituídos pela família e relacionamentos importantes (como casamentos, atual ou anteriores, trabalho etc.).

Segundo Acciari (apud Saldanha & Acciari 2019, pg 32), a Psicologia Transpessoal, encontra-se sob a égide da abordagem sistêmica. Assim, a AIT, pautada em autores da Psicologia Transpessoal, igualmente acolhe a abordagem sistêmica.

Portanto, entender as coisas sistemicamente, significa olhar para uma totalidade integrada, compreender algo dentro do contexto do todo, pensamento este que é compartilhado tanto pela AIT, quanto pela Constelação Familiar.

A seguir serão abordados os aspectos teóricos da Constelação Familiar, fundamentais para a proposta deste trabalho.

3.1 Os Aspectos Teóricos da Constelação Familiar

Hellinger (2001) considera que o amor é a maior força que existe. *O amor segue a ordem oculta da Grande Alma (Beaumomt, em Hellinger, 2006, p.11).*

A ordem não se deixa suplantar pelo amor. A vida existe na ordem, portanto, tudo o que existe obedece a uma ordem. “*Compreender a ordem é sabedoria, segui-la com amor é humildade*”. (Hellinger, 2008, p.36).

Para Hellinger (2001):

O amor é uma parte da ordem. A ordem precede o amor, e este só pode desenvolver-se dentro dela. A ordem preexiste. Quando inverte essa relação e pretendo mudar a ordem através do amor, estou condenado a fracassar. Isso não funciona. O amor se adapta a uma ordem e assim pode florescer, assim como a semente se adapta ao solo e ali cresce e prospera. (HELLINGER, 2001, p.36)

Segundo Hellinger, (2005) a família tem uma alma e uma consciência em comum.

Essa alma e essa consciência observam três ordens fundamentais, que Hellinger (2001) considera princípios, ou conjunto de “leis” naturais que regem o equilíbrio dos sistemas ou dinâmicas ocultas (inconscientes), denominadas por ele de “*Ordens do Amor*”.

Pode-se dizer que ordem significa: todo evento que transcorre de acordo com determinadas leis. Num sentido mais estrito, relativo ao que é observado nas Constelações, as ordens do amor caracterizam-se em todas as formas de consciência, como domínios que atuam como “*condições de crescimento para o sucesso dos relacionamentos*”. Elas referem-se ao lugar certo para cada pessoa dentro da sua família, considerando aspectos da hierarquia ou ordem de precedência nos grupos e confiabilidade das relações, principalmente entre homem e mulher e entre pais e filhos (Schneider, 2007, p. 50).

Essas três Leis Sistêmicas **Ordens do Amor** são: o *Pertencimento (ou Vínculo)*, o *Equilíbrio de Troca (do Dar e Tomar/Receber ou Compensação)* e a *Hierarquia (ou Ordem Cronológica)*.

3.1.1 As Ordens do Amor

Exercem papel fundamental no *equilíbrio e manutenção dos sistemas*, podendo ser consideradas leis da vida e são válidas para todos. Essas leis atuam quer saibamos, ou seja, quer tenhamos consciência de sua influência ou não, gerando consequências em nossas vidas e relacionamentos, em especial na família, onde os laços são mais fortes.

Segundo Hellinger (2006), essas ordens são estruturas gerais básicas de funcionamento dos sistemas que, quando desrespeitadas, geram desequilíbrios,

Hellinger (2005) observou, através das dinâmicas familiares, que essas três leis presentes nos relacionamentos, atuam na busca da ordem, da união e na manutenção dos sistemas.

✓ **Pertencimento ou Vínculo**

Está associado ao direito de pertencer de cada um no sistema familiar. Exclusões não são aceitas.

Assim sendo, para Hellinger (2005):

A primeira ordem fundamental é: “Cada um no sistema, vivo ou morto tem o mesmo direito de pertencer”. [...] Quando é negado a uma pessoa da família o mesmo direito de pertencer, então, a alma ou a consciência da família procura restabelecer a ordem através de uma compensação. (HELLINGER, 2005, pg.49).

Segundo Hellinger (2005), pertencer ou estar vinculado à nossa família, é para nós uma necessidade básica, sendo esse vínculo o nosso desejo mais profundo. A necessidade de pertencer a nossa família vai além até mesmo da necessidade de sobreviver, o que significa que estamos dispostos a sacrificar e entregar nossa vida pela necessidade de pertencer a ela. Esse amor do vínculo é elementar e, portanto, estamos entregues a ele e, assim, presos à nossa família e a tudo o que nela aconteceu, pois ele nos prende à sua grandeza, ao bem-sucedido e ao completo, tornando-se uma força.

✓ **Equilíbrio de Troca entre o Dar e Tomar/Receber ou Compensação**

Está associado ao equilíbrio nas relações e às compensações no sistema quando há exclusões. Entre Pais e Filhos, implica, em primeiro lugar, que os pais deem e os filhos tomem ou recebam.

Os pais dão a seus filhos o que antes tomaram de seus pais e o que, como casal, tomaram um do outro. Os filhos tomam, antes de tudo, seus pais como pais e secundariamente aquilo que os pais lhes dão por acréscimo. Em compensação, aquilo que tomaram dos pais posteriormente transmitem a outros e, principalmente, como pais, aos próprios filhos. Alguém só pode dar porque antes tomou, e tem o direito de tomar porque, mais tarde, também dará.

Nesta relação, os filhos sempre receberão mais de seus pais e, ainda que tentem, não são capazes de retribuir, pois de seus pais receberam o bem mais precioso de todos: *sua vida*!

Na relação do casal, o homem tem algo que falta à mulher e a mulher tem algo que falta ao homem. Eles se equivalem, tanto na capacidade de dar quanto na de receber. Nesse nível, são plenamente equivalentes. Do mesmo modo como essa equivalência está claramente estabelecida nesse nível, assim também deve funcionar nos demais níveis.

O equilíbrio de troca entre o dar e o receber pode ser observado como um movimento consciente ou inconsciente.

Geralmente quando recebemos algo, por mais belo que seja, nos sentimos em dívida. No íntimo podemos sentir essa “dívida” como desconforto e, assim, procuramos nos livrar dessa “pressão interna” retribuindo. Para manter o vínculo, em geral, retribuímos um pouco a mais do que recebemos e assim sucessivamente, mantemos equilibrada a relação. A imagem mental trazida é a de uma gangorra onde, para haver equilíbrio, em determinado momento quem recebe fica no alto e sente necessidade de retribuir, fazendo algo pelo outro e, assim, a gangorra é movimentada.

A Compensação é uma maneira de garantir o equilíbrio.

Quando o direito de pertencer é negado a uma pessoa, a alma ou a consciência da família procura restabelecer a ordem através de uma compensação.

Hellinger (2005) observou que:

Isso acontece, via-de-regra, de tal forma que uma pessoa que nasce posteriormente seja, através da consciência familiar, colocada em conexão com a pessoa anterior excluída, de maneira que a represente como compensação. (HELLINGER, 2005, pg.49).

✓ **Hierarquia ou Ordem Cronológica**

Segundo Hellinger (2003, pg.37), cada grupo tem uma hierarquia, que é determinada pelo momento de ingresso, ou pelo momento em que cada um começou a pertencer ao sistema. Isto quer dizer que aquele que entrou em primeiro lugar em um grupo tem precedência sobre aquele que chegou mais tarde. Isso se aplica às famílias, às organizações e, inclusive, aos atendimentos terapêuticos, como veremos mais adiante.

A hierarquia se baseia no momento em que um indivíduo começa a pertencer a um sistema: esta é a ordem de origem, que se orienta pela sequência cronológica do ingresso no sistema, seja na família, entre irmãos ou nas organizações.

Portanto, segundo Hellinger (2003):

[...] aquilo que existiu primeiro num sistema tem precedência sobre o que veio depois. Por essa razão, o primogênito tem precedência sobre o segundo filho e a relação conjugal tem precedência sobre a relação de paternidade ou maternidade. Isso vale dentro de um sistema familiar. (HELLINGER, 2003, pg.36-37).

Assim, quem entrou primeiro num sistema tem precedência sobre quem entrou depois. Da mesma forma, aquilo que existiu primeiro num sistema tem precedência sobre o que veio depois.

Em relação ao amor, por vezes, este pode ser entendido de uma forma muito filosófica, ou romântica, como se, ao amar uma pessoa, o indivíduo é colocado numa condição em relação a esta pessoa, onde se é capaz de tudo, onde tudo é possível. Observando mais profundamente, é possível perceber que o amor é fruto de movimentos profundos que nos conectam através dos vínculos que são estabelecidos.

O amor só pode ser vivenciado na prática, nas nossas relações, quando são respeitadas as leis básicas do amor. Ou seja, quando a troca é estabelecida entre indivíduos, quanto mais há troca, mais se cria ou aumenta o vínculo existente. Nesta troca é possível expressar e receber o bem-querer, na medida em que um faz pelo outro e o outro também retribui.

O amor também é vivenciado quando a ordem é respeitada nas relações, por exemplo, entre pais e filhos, casais e organizações e, quando é dado ao outro o direito de pertencer.

Do mesmo modo essas leis atuam e devem ser respeitadas na relação cliente-terapeuta.

Uma questão a ser observada e que será abordada de modo mais detalhado ao longo deste trabalho, é a importância do terapeuta adotar uma postura sistêmica em relação ao seu cliente, atuando com humildade, sem julgamento, sem medo e sem “intenção de salvar”.

3.1.2 Três espécies de Consciência

Para Hellinger (2009), o que distingue, essencialmente, as diferentes consciências, o que lhes impõe limites, é o alcance de seu amor.

No livro “A prática das Constelações Familiares” (2007 p.27), Schneider refere que “de uma forma bem abrangente, Bert Hellinger generalizou seus insights no contexto das constelações familiares em sua caracterização da consciência”. Assim, nesta perspectiva, três tipos de consciência são evidenciados.

A *Consciência Pessoal*, equivale à “consciência psicológica”, contempla a realidade baseada no que o indivíduo vive e que o une a pessoas e grupos importantes para o seu bem-estar e sua vida. Entretanto, é considerada uma consciência estreita e limitada, pois o liga somente a algumas pessoas ou grupos, excluindo-o simultaneamente de outros. A consciência pessoal está a serviço do vínculo do grupo. Conceitos como bom e mau, moral e imoral, certo e errado, são distinções feitas pela consciência pessoal.

A *Consciência Sistêmica, Coletiva ou Grupal* é uma consciência mais ampla que a consciência pessoal, porém ainda limitada. É a consciência que cada família/grupo desenvolve. Abrange o sistema familiar que possui um campo de informações próprio, no qual estão presentes todos os acontecimentos, sentimentos e emoções que essa família viveu. Assim sendo, uma família possui uma consciência própria ou consciência sistêmica, que contém os registros de tudo o que essa família viveu.

Dessa forma, quando se considera, uma família, um país, uma tribo ou um povo, cada um desses configura um sistema que, frequentemente, possui cultura e valores morais próprios e específicos, que atuam de modos diferentes entre si.

Neste sentido, a Consciência Sistêmica, é uma consciência coletiva inconsciente (oculta), ou seja, seus membros estão sob a influência dessa consciência que é comum a todos eles.

A Consciência Sistêmica se sobrepõe à Consciência Pessoal.

A *Consciência Universal ou Espiritual*, é muito mais ampla que as anteriores e abarca tanto a consciência pessoal, como a sistêmica, coletiva ou grupal.

Essa consciência possui uma sabedoria própria, uma força criativa e plena, capaz de movimentar todas as outras consciências. Nela, todas as consciências se completam. Em outras palavras, consciência pessoal e sistêmica se complementam

para a formação de uma consciência maior, que é a consciência do universal ou espiritual.

Sob olhar da Constelação, o sentido da palavra consciência, abrange várias dimensões, considerando que cada sistema vivo a possui de maneira própria.

Para Hellinger (2005 p.43), muitos sentimentos são causados pela consciência e consciência significa que o indivíduo se orienta pelo que assegura a pertinência à sua família. Assim sendo:

Pessoas que provêm de diferentes famílias ou grupos têm consciências diferentes. Pois a consciência ordena a cada pessoa o que a liga a seu grupo e serve a ele, e lhe proíbe o que a separa de seu grupo e o prejudica. Entretanto, o indivíduo também segue a consciência, em cada grupo de forma diversa, pois o que serve a um grupo pode prejudicar a outro e o que num grupo proporciona ao indivíduo um sentimento de inocência, em outro lança-o no sentimento de culpa. (HELLINGER, 2003, pg.166).

De acordo com Schneider (2007):

A consciência é descrita, de modo geral, como a capacidade de avaliar moralmente o próprio comportamento. Pela própria origem da palavra, ela significa um “saber comum”, um “saber compartilhado”, de acordo com o latim conscientia e o grego syneidesis. O conceito de consciência originou-se na antiga Grécia, a partir da ideia de que em todas as nossas ações diante dos homens e dos deuses, existe internamente “alguém que também sabe”. A partir daí desenvolveu-se a compreensão cristã da consciência como uma norma divina absoluta para a percepção do bom e do mau. (SCHNEIDER, 2007 p.28)

3.1.3 Três Níveis de Consciência: do pertencimento, da compensação, da ordem

Segundo Schneider (2007), com relação à esfera do pertencer, o indivíduo tem uma “boa consciência” quando faz algo que permita o *pertencimento* a um grupo e que, juntamente com os demais membros, possa ser acolhido e respeitado por eles como seu igual. A “má consciência” surge quando o indivíduo se comporta de tal forma que possa ser excluído ou proscrito, perdendo ou correndo o risco de perder a proximidade e a segurança do grupo.

A “boa consciência” no nível da *compensação* se refere à necessidade de haver equilíbrio nos grupos em relação ao dar e receber e à percepção dos direitos e deveres. Assim, o indivíduo tem uma boa consciência quando, por ter dado, adquire o direito de receber algo ou quando contribui para nivelar desequilíbrios e, desta forma, possibilita uma convivência justa.

A “má consciência” surge quando, pelo fato de ter recebido, o indivíduo vê-se obrigado a dar, ou, quando ocasiona desequilíbrios e injustiças que ameacem a coesão e a paz do grupo.

A “boa consciência” no nível da *ordem, hierarquia*, se refere à posição que o indivíduo assume e à convivência confiável, ou seja, ao indivíduo se ater às regras e normas vigentes. Se refere a ser “consciente”. A “má consciência” surge quando o indivíduo se opõe às hierarquias, ordens, verdades, tabus e regras e, justamente por isso, teme ser “castigado”, excluído.

Na visão da Constelação, é através da Consciência pessoal que os indivíduos sentem *culpa* ou *inocência*.

3.1.4 A Boa Consciência, Consciência Leve, Inocência

Essa consciência nos conecta à nossa família, nosso país, povo, religião, cultura, ou seja, nos conecta ao grupo que é importante para nossa sobrevivência. Temos uma boa consciência e nos sentimos de consciência tranquila quando estamos em consonância com aquilo que é válido em nossa família ou grupo, de modo que possamos pertencer. Portanto, se seguimos os valores de nossa família ou grupo, sentimo-nos inocentes.

3.1.5 A Má Consciência, Consciência Pesada, Culpa

A má consciência surge pelo temor de colocar em jogo a lealdade à família ou grupo a que se pertence. Para assegurar o pertencimento, pessoas, famílias ou grupos diferentes são rejeitados, por se comportarem, pensarem ou agirem com base em valores considerados divergentes ou opostos.

Segundo Hellinger (2005), por lealdade a seu sistema, um indivíduo segue os valores de sua família ou grupo e sente que coloca em perigo a sua pertinência, caso não a siga e, na alma, experimenta isso como culpa por medo de ser excluído. Entretanto, a má consciência leva ao movimento e, assim, conduz o indivíduo para além dos valores da família.

Assim, segundo Hellinger (2005):

Colocamos em jogo a pertinência à nossa família - assim pensamos - quando reconhecemos também que outras famílias, outros grupos, outros valores, outras religiões, outras culturas são boas e equivalentes. Quando fazemos isso, estamos ligados com a profundidade do ser, mas não com a nossa família, nesse sentido. Portanto, para estarmos ligados na profundidade com o essencial, é necessário nos despedirmos das influências dessa consciência com relação à diferenciação entre o bom e o mau. Se conseguirmos fazer essa despedida, quando pudermos nos soltar, ao menos por um certo tempo, quando nós nos recolhermos ao centro

interior, então virá, a partir desse centro, da profundidade, uma outra coisa que atua, um movimento da alma que anula as diferenciações e reconcilia os antagonismos e os opostos. (HELLINGER, 2005, pg.30-31).

3.1.6 Sistema de Origem e Sistema Atual

Hellinger (2005 p.86), considera que o *Sistema de Origem* é aquele formado pelos pais (conhecidos ou não, vivos ou não), os irmãos (inclusive os mortos, natimortos ou abortados se houver), pois todos são filhos. Como *Sistema Atual*, as uniões, casamentos ou relacionamentos onde se é responsável pelo lar. Dentro de um sistema existe uma ordem de *Precedência*, de acordo com o início da vinculação ao sistema. Na sucessão dos sistemas, a família atual tem precedência sobre a anterior.

No livro “O Amor do Espírito” (2009 p. 36-37), Hellinger traz que o grupo familiar se comporta como se estivesse unido por uma força que liga todos os seus membros e que, pertencem a esse grupo, todos os que essa força vincula e leva em consideração. Assim sendo, pertencem à nossa família:

- Todos os filhos, portanto, nós mesmos e nossos irmãos e irmãs. Também os natimortos, abortados, doados, esquecidos, contando-se tanto os meios-irmãos como os irmãos inteiros.
- Nossos pais e seus irmãos biológicos, os adotados, abortados, doados e esquecidos.
 - Parceiros antigos dos nossos pais
 - Nossos Avós, em geral sem contar os irmãos (considerando-se algumas exceções neste aspecto)
- Todos os que foram vítimas de atos violentos através de membros da nossa família, tornam-se parte dela, valendo também o contrário.
- Quando membros de nossa família são vítimas de crimes ou atos violentos, nos unimos aos perpetradores que também passam a fazer parte da nossa família.

3.1.7 Precedência e Prioridade

O início da vinculação ao sistema determina a *precedência*, ou seja, o primeiro vínculo de uma pessoa tem precedência sobre os subsequentes, lembrando que *vínculo não significa amor*.

Por exemplo, quando um homem se torna adulto e constitui sua própria família se unindo a uma mulher e tendo seus próprios filhos com ela, seu núcleo

original tem a *precedência* (pais e irmãos), mas sua família recém-formada terá a *prioridade*, ou seja, a partir deste momento o indivíduo terá responsabilidades e precisará cuidar de sua família atual. Assim, segundo Hellinger (2009 p.41), “uma segunda relação só tem sucesso quando o vínculo aos parceiros anteriores é reconhecido e honrado como tendo precedência sobre o novo vínculo”.

Diante de um divórcio, a primeira família tem precedência, mas a segunda família tem prioridade em relação à primeira. Para Hellinger (2009 pg.54) “aqui se impõe uma outra ordem de hierarquia, uma hierarquia entre as famílias, por exemplo, entre a família de origem e a nova família. Aqui a nova família tem prioridade perante a antiga”.

Já no que se refere a um casal, pode parecer estranho, mas na visão da Constelação, a relação dos pais é a prioridade numa família e os filhos vêm depois para completar o sentido da união do casal, pois, sem o casal, não haveria os filhos.

3.2 A diferenciação dos Sentimentos e suas características

Hellinger (2009 p.126) faz a diferenciação dos sentimentos. É fundamental para o terapeuta transpessoal que não é constelador, conhecer e reconhecer a forma como esses sentimentos podem ser expressos por seus clientes.

3.2.1 Sentimentos Primários

Estão relacionados a emoções primárias que levam à ação construtiva. São sentimentos genuínos vividos de uma forma muito plena e com profunda intensidade. São sentimentos simples, fortes sem ser dramáticos ou exagerados. Por isso, embora excitantes e vívidos, trazem uma sensação de segurança e calma.

Características dos Sentimentos Primários e Reconhecimento por parte do terapeuta

Quando os sentimentos primários emergem, comovem e despertam natural compaixão, porém o indivíduo permanece forte e capaz efetivamente de agir. Em geral têm uma curta duração (questão de minutos) e quando o indivíduo vive esse sentimento de forma profunda, se sente totalmente conectado.

Sentimentos primários correspondem ao padrão do “movimento em direção a” e o estado corporal é marcado por relaxamento, flexibilidade, assim como reações espontâneas e adequadas às situações, trazendo calma e segurança. A postura básica é marcada pelo interesse e concordância. O indivíduo diz basicamente “sim” ao mundo e, nesse sentido, fortalece, preserva a vida e conduz a pessoa à frente em seu caminho.

3.2.2 Sentimentos Secundários ou dramáticos

São sentimentos que substituem, encobrem ou mascaram os sentimentos primários. São sentidos para “evitar” que o indivíduo entre em contato com a dor, com o amor, a frustração, a perda, ou seja, como forma de defesa. São movimentos voltados “para fora”, de modo a responsabilizar o outro pelo que se está sentindo e podem ser expressos em forma de raiva, irritação, agressividade.

Características dos Sentimentos Secundários e Reconhecimento por parte do terapeuta

Podem ser de longa duração (horas, dias, anos, uma vida!). O principal critério para se reconhecer um sentimento secundário são os olhos fechados. Assim sendo, Hellinger (2002) recomenda que, nos sentimentos secundários, vale o seguinte: jamais interferir. Frequentemente os clientes fecham seus olhos, se recolhendo ao seu mundo, fugindo do que lhes é perguntado ou respondendo de modo sem sentido ou evasivo. Convém que o terapeuta peça para que “abra seus olhos”, que observe o mundo.

Os *sentimentos secundários* correspondem a muitos dos sentimentos com os quais terapeutas lidam em terapia. São, em geral, dramáticos, exagerados e têm como principal função convencer o terapeuta de que o indivíduo é incapaz de estabelecer uma ação efetiva, é fraco, indefeso diante de tal situação ou sofre uma injustiça.

Diante de sentimentos profundos e difíceis como a dor, rejeição, frustração, abandono, experienciados em tenra idade, uma criança pode deixar de vivenciar o Amor. Pode ter uma sensação de que não conseguirá sobreviver, por não ter condições para lidar, por exemplo, com a rejeição. Sentimentos secundários, portanto, podem ser originados a partir dessas situações vivenciadas, o que pode fazer com que a criança os perceba de forma muito profunda e ameaçadora. Já como adulto, ao ser rejeitado, o indivíduo pode sentir a mesma dor da infância. O medo inconsciente de vivenciar novamente a rejeição é o mesmo medo infantil que, naquela época, gerou aquela sensação de que não conseguiria sobreviver. Entretanto, esse adulto ao longo do tempo, vai criando mecanismos de defesa, de proteção, para evitar que sinta novamente aquela dor. Estas situações estimulam que a rejeição seja substituída por sentimentos secundários clássicos na visão da Constelação Familiar, ou seja, pela raiva, pela agressividade, pela vitimização. O

indivíduo “tira o foco” daquela dor, rejeição, perda, frustração e passa a acusar, a colocar no exterior, nos outros, a responsabilidade por aquilo que sente.

O paciente que chega até o terapeuta pode apresentar sentimentos secundários e expressá-los de forma dramática. Geralmente, tenta transferir a responsabilidade de uma ação para sanar o conflito sobre alguém a quem responsabiliza ou sobre o terapeuta, que imediatamente sente o desconforto.

Assim sendo, o terapeuta não auxilia se permite ou encoraja a pessoa a permanecer fixada nos sentimentos secundários (de raiva, irritação, agressividade, indiferença) pois, geralmente, o paciente se utiliza disso para evitar entrar contato com o sentimento primário.

O terapeuta verdadeiramente auxilia, estimulando que, agora como adulto, o indivíduo se conecte com aquele sentimento vivido na infância, porém, olhando para o que aconteceu de uma outra forma, facilitando que se sobreponha àquela imagem da rejeição infantil algo que, agora, como adulto, possa lidar de maneira mais plena e consciente.

O amor, quando plenamente vivenciado, pode conduzir a pessoa a um caminho de volta ao seu interior e, junto com isso, emergem a força e o movimento necessários para que o indivíduo possa transitar desde o reconhecimento até a integração daquela dor ou conflito. Só é possível se libertar de uma dor e, conseqüentemente, dos sentimentos secundários, quando se consegue vivenciar o sentimento primário, o Amor. Exemplos serão apresentados mais adiante.

3.2.3 Sentimentos Adotados

São os sentimentos alheios, por exemplo, como efeito de uma identificação, ou seja, são sentimentos de outra pessoa dentro do campo sistêmico, porém, o indivíduo não tem consciência disso. Aqui a dinâmica básica é a adoção de experiências, estados e tarefas de gerações anteriores, onde um indivíduo assume ou desenvolve um sintoma que faz sentido dentro da dinâmica do sistema familiar, sendo que essa dinâmica não se restringe somente aos sentimentos, mas abarca também comportamentos, impulsos pensamentos que uma pessoa vive, mas que, na realidade, não são dela. Quando confrontada com a origem (pessoa) que realmente vive esse sentimento, esse desaparece.

Características dos Sentimentos Adotados e Reconhecimento por parte do terapeuta

Segundo Franke (2006) esses sentimentos adotados, em geral, suscitam irritação no indivíduo.

Sentimentos adotados suscitam irritação porque não fazem sentido para o cliente em seu contexto pessoal. O cliente pode entendê-los e integrá-los de outra forma, tão logo seja encontrada uma explicação. Os sentimentos podem continuar, mas se souber que a depressão pertence à mãe ou a agressividade é, na verdade, um sentimento não vivido pelo pai, então sentir-se-á como um instrumento através do qual o sintoma se mostra, sem que ele próprio precise se identificar ou sofrer com isso. FRANKE (2006 Pg. 33)

São, portanto, ações e *sentimentos adotados*, vividos e descritos como originários do sistema familiar do cliente.

Pode ser que um cliente reclame que faz coisas que, na verdade, não quer fazer, como se duas forças estivessem atuando, sendo que se identifica com uma delas e rejeita a outra. Ao perguntar quem é que então age através dele e quando seu comportamento faz sentido, pode-se encontrar uma pessoa e uma situação dentro do sistema familiar onde isso é adequado.

Os sentimentos adotados surgem sem um estímulo externo, assim como enfraquecem tal como os sentimentos secundários, por não pertencerem à própria pessoa. Esses sentimentos podem ser entendidos dentro do contexto da lealdade infantil e essa dinâmica é descrita com a frase: “Eu faço isso por você.” Nessa perspectiva, esses sentimentos se originam do contexto de uma outra pessoa. Eles vêm do sistema familiar. Os filhos ou netos os sentem, caso os pais ou avós não os sentiram ou não puderam senti-los. Uma pessoa se liberta deles quando se torna claro de quem ou para quem ela assumiu esse sentimento. O terapeuta pode, então, ajudar o cliente a colocar os sentimentos adotados dentro de um contexto e devolvê-los à pessoa do seu sistema a quem pertencem através da expressão: “Deixo o que é seu com você e fico apenas com o que é meu”.

3.2.4 Metassentimentos ou sentimentos intrínsecos

São para Hellinger (2002) sentimentos superiores nos quais podemos confiar. Possuem determinadas características, desde que são: sem emoção e totalmente claros. Coragem pertence aos metassentimentos, humildade é um metassentimento, sabedoria também. Atinge-se esse nível quando se é confrontado com situações comoventes e permanece-se profundamente centrado.

Franke (2006), considera que os Metassentimentos, podem ser vividos como experiências especiais que fortalecem o indivíduo mesmo quando, algumas vezes, surgem de uma forma violenta.

Com o termo “metassentimentos” Hellinger descreve estados que surgem espontaneamente e têm a ver menos com as pessoas, mas mais com a vida em si, a criação e Deus. Podem ser movimentos internos fortes, que incluem estados de êxtase e experiências avassaladoras e são também descritos como experiências espirituais. Atingem a pessoa em sua totalidade, onde o ego e, também a individualidade perdem o seu significado. FRANKE (2006 pg. 34)

Características dos Metassentimentos e Reconhecimento por parte do terapeuta

Os metassentimentos surgem quando, por exemplo, o indivíduo consegue “deixar de lado” os seus próprios sentimentos e “passa a agir” independente do que realmente possa estar sentindo. Estados de compaixão, de altruísmo.

Podem ser expressos, por um terapeuta, que precisa lidar com a dor de um cliente, mas sabe que não pode entrar nessa dor. Então, coloca os seus sentimentos e emoção ao lado e age a partir de um outro lugar, amoroso, compassivo, mas isento de julgamentos. Como um médico, que no momento da cirurgia, ou de uma sutura, percebe a dor do outro, mas continua fazendo o seu trabalho. Quando um terapeuta é confrontado com situações comoventes, vai a esse metanível. Por um lado, pode parecer algumas vezes insensível, mas está totalmente centrado

Hellinger (2002), traz uma reflexão sobre o metanível atingido pelo terapeuta na relação com seu cliente:

Vivenciamos aqui tais destinos que nos tocam profundamente, que nos levam consigo em todos os sentidos, como compaixão e também como recordação. Na verdade, isso é natural. Isso é humano, humilde e bom. Entretanto, o terapeuta precisa se retrair. Por isso, vai a um nível superior. Ele se expõe, por assim dizer, ao todo e fica atento para que siga bem. Por isso, também precisa manter-se centrado. Não pode sucumbir ao sentimento. O terapeuta fica acima do sentimento, isso é importante. Entretanto, não precisa envergonhar-se quando as lágrimas lhe rolam nessas situações. Hellinger (2002 pg.42)

3.3 A Postura do Constelador

Para a Constelação Familiar, o “ajudante”, como Hellinger (2005) se refere ao terapeuta, também estabelece vínculo com seu cliente ao iniciar um atendimento e, dessa maneira, passa a fazer parte do seu sistema. Entretanto, como ele, o terapeuta, é o último a ingressar, hierarquicamente é o que possui a menor

relevância para este sistema. Os pais, o cliente, todos os seus irmãos (se houver), e seus antepassados, têm precedência, pois chegaram antes.

Bert Hellinger (2009), em seu livro *O Amor do Espírito*, coloca:

A Psicoterapia boa é bem simples. Descobri que quando alguém encontra o caminho para seus pais e abre o seu coração para eles, então os problemas principais estão resolvidos. Isso, porém tem como pré-condição que o terapeuta dê aos pais do seu cliente um lugar de honra em seu coração. [...] Se o terapeuta der um lugar no seu coração aos pais do cliente, não há transferência. Transferência significa que o cliente de repente vê o pai ou a mãe no terapeuta. Ao contrário, na contratransferência, o terapeuta vê o cliente como um filho, trata-o como um filho e até sente-se como o pai melhor, ou a mãe melhor. Então, o cliente olha para ele admirado, como um filho olha para um pai ou uma mãe. Tudo isso não é possível, se o terapeuta tiver dado um lugar em seu coração para o pai e a mãe. (HELLINGER, 2009 p. 116)

Portanto, um ponto importante, abordado por Hellinger em seu livro *O Amor do Espírito* na Hellinger Sciencia (2009 p.106), é a maneira como “ajudante”, no caso, constelador, se posiciona em relação ao seu cliente.

Ajudar com respeito. O que significa isso na prática? Primeiro de tudo, quando ajudamos as pessoas, precisamos dar aos pais dela um lugar de respeito e amor em nossos corações, independentemente de como foram essas pessoas ou do que disseram sobre elas. Quando um cliente se queixa de seu pai ou de sua mãe, está ao mesmo tempo se queixando de seu destino, queixando-se de Deus ou do que quer que seja que essa palavra nos oculta. Quando eu dou espaço em minha alma ao que o cliente diz sobre seus pais, então me coloco como ele, acima do seu destino e acima de Deus. Então, como posso ajudá-lo dessa forma? Eu me transformo em seu criador. Quando me comporto dessa forma, que efeitos tem em minha alma? E talvez também em meu corpo e em minha saúde? Uma pessoa pode adotar tais atitudes de superioridade, sem representar um grande perigo para si mesmo e para seu cliente? (HELLINGER, 2009 p.106)

Assim, do ponto de vista da Constelação Familiar, o terapeuta ao iniciar um atendimento, passa a fazer parte do sistema do cliente, porém, hierarquicamente, ele é o que possui a menor relevância para este sistema, já que é o último a ingressar. Frequentemente acontece, que o terapeuta estabelece um vínculo com seu cliente e o cliente com seu terapeuta e, dependendo do modo como esse vínculo é estabelecido, o terapeuta passa a não mais ajudar o seu cliente. Se, ao conhecer a história de vida do seu cliente, o terapeuta passa a adotar uma postura de julgamento em relação a um ou a ambos os pais ou ao parceiro(a), esse amor desenvolvido, atrapalha os vínculos verdadeiros, pois o terapeuta, passa a se colocar numa posição hierárquica mais elevada dentro do sistema e, desta maneira, “toma o lugar” da mãe, do pai, ou do parceiro (a) de seu cliente.

Assim, para Hellinger (2009):

Não importa o que uma pessoa diga sobre seus pais, eu, como ajudante, olho para eles com profundo respeito e amor. Olho então para os seus ancestrais e os destinos de seus familiares e me curvo profundamente, entrando assim em sintonia com esses destinos, com todo o pano de fundo e com a grande alma que atua aí. (HELLINGER, 2009 p. 106 -107).

Caso o terapeuta não consiga manter sua independência, a consequência a partir do vínculo estabelecido (terapeuta e cliente), é que esta relação passa a ser semelhante ao relacionamento entre pais e filhos, podendo também se assemelhar ao relacionamento entre casais. Para Hellinger (2009 p.115) “então o relacionamento terapêutico transforma-se num relacionamento em triângulo e coloca em perigo o relacionamento e o vínculo em questão”. A respeito da maneira como o terapeuta se coloca na relação com seu cliente, Hellinger (2009) diz:

Não se intrometer e resistir ao vínculo aqui é uma arte e uma conquista. Então, o ajudante ama de uma forma totalmente diferente do que é possível e adequado ao amor do vínculo. Ele, está a serviço desse vínculo, porém não entra nele. Assim, mantém a sua independência e sua força e ajuda de verdade. (HELLINGER, 2009 p. 115)

Para que os consteladores não vivenciem processos em ressonância com seus clientes, podendo ter percepções de seus estados internos e até percepções físicas, é imprescindível que trabalhem suas questões. Assim sendo, o trabalho interno de um terapeuta/constelador é imprescindível para que observe e busque transcender seus próprios conflitos em busca de sua autotransformação.

4 TRANSDISCIPLINARIDADE

Até este ponto do trabalho, foram trazidos os aspectos teórico-prático que corroboram uma comunicação articulada entre a AIT e a Constelação Familiar.

Nesta perspectiva, é importante trazer o conceito de Transdisciplinaridade que, segundo Rosenthal (2013), é um termo originalmente criado por Jean Piaget (1896-1980), no I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade (1970), realizado na Universidade de Nice na França.

Para Nicolescu (2001, apud ROSENTHAL 2013 p.3) transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento alicerçada no diálogo entre diferentes áreas do saber visando uma contribuição integradora para a compreensão da unidade do conhecimento e da complexidade. Como o prefixo mostra, ser trans é estar entre, através e além.

Segundo Nicolescu (2001 p.52), “a transdisciplinaridade diz respeito àquilo que está entre as disciplinas e suas linguagens, através das disciplinas e suas linguagens e além de qualquer disciplina ou linguagem”.

A transdisciplinaridade, portanto, tal como a prática transdisciplinar, invoca abordagens metodológicas que operem além da simples soma de diferentes linguagens.

Weil, (apud Saldanha, 2006, p.13) correlaciona transpessoal e transdisciplinaridade, quando afirma que a última consiste no encontro de várias disciplinas do conhecimento, em torno de um axioma ou de uma temática comum.

Transdisciplinaridade, portanto, se relaciona a um nível mais amplo e complexo de integração contínua e ininterrupta dos conhecimentos. Disciplinas segmentadas inexistem, mas sim o propósito maior do conhecimento, que é a relação complexa dos diversos saberes, sendo que nenhum é mais importante do que o outro.

A psicologia Transpessoal, desde que integra em sua prática ciência e espiritualidade, favorece a compreensão dos processos psicológicos no ser humano em uma perspectiva integrativa e transdisciplinar.

Da mesma forma, a AIT admite a integração teórica de duas ou mais abordagens com a finalidade de se obter um melhor desempenho e coloca-se como um sistema aberto a novos elementos.

Por sua vez, a Constelação Familiar, uma abordagem Sistêmica Fenomenológica, foi estabelecida, através da experimentação e integração teórico-prática de vários métodos terapêuticos.

Neste sentido, o contexto de transdisciplinaridade vai além de disciplinas que colaboram entre si em um projeto com um conhecimento comum, mas expressa também um modo de pensar organizador que pode atravessar as disciplinas e assim trazer uma espécie de unidade, ou ainda, uma visão sistêmica e transdisciplinar, substituindo a compartimentalização por integração, estabelecendo conexão e diálogo entre a Psicologia Transpessoal, a AIT e a Constelação Familiar, de maneira a superar a fragmentação do saber isolado e delimitado.

Portanto, por compreender o conhecimento de uma forma plural e aberta, no contexto deste trabalho, a Transdisciplinaridade, se coloca como um conceito essencial, tanto por favorecer um diálogo articulado entre esses saberes, como por ampliar as fronteiras do processo terapêutico transpessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrever a ATI em seus aspectos Estrutural e Dinâmico, assim como os aspectos teóricos da Constelação Familiar, além de demonstrar a relevância e a possível integração transdisciplinar entre ambas as abordagens como recurso no setting transpessoal para terapeutas que não são consteladores, constituem os objetivos específicos deste trabalho.

Ao longo deste caminhar foi possível evidenciar a presença do aspecto transdisciplinar na Psicologia Transpessoal, assim como na AIT e Constelação Familiar. Na Psicologia Transpessoal, esse aspecto se revela por meio da integração entre Ciência e Espiritualidade; na Abordagem Integrativa Transpessoal através da possível integração teórica entre duas ou mais abordagens, sendo que essa se coloca como um sistema aberto a novos elementos e, finalmente, na Constelação Familiar, pela assimilação e integração teórico-prática de vários métodos terapêuticos precursores através dos quais esta foi estabelecida.

Assim sendo, as três abordagens são permeadas pela transdisciplinaridade, uma vez que transbordam e ultrapassam seus limites, integrando conhecimentos e possibilitando diálogos.

O conhecimento científico, especificamente em seu aspecto fenomenológico, é extremamente relevante para consteladores e terapeutas transpessoais sendo um ponto de aproximação entre ambos. Para Hellinger (2009 pg.113), “o ajudante apenas ajuda o outro para que sua alma receba novas informações que não vêm de fora e sim, de dentro”. Em uma constelação, o aspecto fenomenológico é vivenciado pelo acesso a um campo que contém informações significativas sobre o sistema familiar do indivíduo, sobre sua ancestralidade. De forma semelhante, a Psicologia Transpessoal e AIT, consideram a consciência além de sua função da psique individual e, desde que estudam a consciência em suas diferentes fenomenologias, também admitem o aspecto fenomenológico.

Assim, faz-se necessário destacar dois conceitos que, permitem estabelecer uma relação de semelhança entre a Constelação Familiar e a AIT. O primeiro é o conceito de consciência sistêmica da Constelação Familiar, que é aquela que cada família/grupo desenvolve. Essa consciência abrange o sistema familiar e possui um campo de informações próprio, onde estão contidos os registros de todos os

acontecimentos, sentimentos e emoções que a família viveu. O segundo é o conceito de inconsciente transindividual da cartografia de Kenneth Ring, que envolve experiências ancestrais, palingenéticas, raciais, coletivas e arquetípicas, lembrando que essa cartografia foi adotada pela AIT, por ser didática, completa e sintetizar a visão de vários autores.

Nesta perspectiva, quando as informações do inconsciente transindividual ou da consciência sistêmica acessadas, são seguidas de contextualização e integração pelo indivíduo no momento presente, trazem novas perspectivas do ponto de vista terapêutico o que amplia a consciência e propicia uma percepção mais adequada sobre processos psíquicos e de vida desse indivíduo, melhorando sua forma de viver e conviver.

Assim, apesar de figurarem como conhecimentos aparentemente distintos, consciência sistêmica e inconsciente transindividual, manifestam um diálogo convergente entre a teoria da Constelação Familiar e da AIT, indicando haver uma unidade subjacente, uma vez que ambas as abordagens compartilham da visão sistêmica e fenomenológica.

A interação e integração transdisciplinar proposta neste trabalho, também inclui as chamadas “frases de cura” da Constelação (ANEXOS B, C, D e E), e os exercícios sistêmicos (APÊNDICE A e APÊNDICE B).

Na AIT, os procedimentos técnicos visam estimular REIS e assim, a integração do eixo experiencial com o eixo evolutivo resulta em uma experiência completa e plena, que foca e transforma a pessoa. Portanto, as chamadas “frases de cura” integradas aos aspectos dinâmicos da AIT, sob a forma de intervenções verbais servem como base para a reorganização de aspectos referentes à hierarquia, pertencimento e equilíbrio de troca, auxiliando o terapeuta a tocar em questões profundas, trazendo à tona o que é essencial.

Certamente o terapeuta transpessoal, saberá qual ou quais “frases de cura” da Constelação Familiar serão mais adequadas ao contexto do momento, observando os movimentos corporais do seu cliente, em plena sintonia, utilizando-se da escuta terapêutica e de sua experiência, desde cada situação terapêutica é única.

Em relação aos exercícios sistêmicos, na Constelação Familiar esses podem contribuir para que o cliente compreenda algo, tenha *insights* que o auxiliem em relação às suas questões, padrões ou assuntos não resolvidos do passado. A

proposta para utilização das frases de cura e/ou os exercícios sistêmicos integrados às práticas da AIT através da estimulação do REIS – Eixo Experiencial, tem o intuito de modificar aspectos do cliente, na medida em que experiências novas e ampliadas produzem um outro e novo padrão sem que uma Constelação propriamente dita seja realizada, permitindo que os valores positivos e construtivos possam emergir, assim como a dimensão saudável, transpessoal – Eixo Evolutivo.

Os exercícios sistêmicos trazidos neste trabalho sob a forma de exercícios de imaginação ativa com reorganização simbólica são direcionados a aspectos da hierarquia. Tendo ciência de que as relações, principalmente entre pais e filhos, se prestam a um propósito maior de evolução nas dimensões pessoais e transpessoais sendo uma experiência abrangente que pode ultrapassar espaço e tempo, o terapeuta transpessoal poderá lançar mão desses recursos, como forma de fortalecer esse vínculo, favorecendo a ordem/hierarquia.

Durante o exercício, é fundamental observar que o terapeuta deve evitar estimular a expressão de sentimentos secundários (raiva, desprezo, julgamento) buscando, quanto possível, reativar os sentimentos primários, simples e verdadeiros, que levam à ação construtiva. Relembrando, sentimentos primários são aqueles que, vividos de uma forma muito plena e com profunda intensidade, são fortes sem ser dramáticos ou exagerados, trazendo uma sensação de segurança, calma e plenitude.

Observamos ainda outras aproximações entre as abordagens estudadas, como a necessidade de constante trabalho interno seja do terapeuta transpessoal ou constelador pois, ao experienciar, ambos apreendem não apenas cognitivamente o que vivenciaram, como podem integrá-lo em seu ser, de forma a transcender seus próprios conflitos em busca de sua autotransformação.

Outro aspecto semelhante que merece destaque se relaciona à postura dos terapeutas em relação a seus clientes. Na AIT o terapeuta busca o desenvolvimento de habilidades tais como, uma especial vocação para acolher, não julgar, confiar no seu cliente e na sua capacidade própria, desde que, a “ajuda” que oferece a seus clientes, está relacionada a crescimento interno.

Na Constelação Familiar, de modo semelhante, o terapeuta busca sempre se expor ao campo de informações sem intenção, sem expectativa, sem julgamento e sem medo, mantendo-se em uma postura de respeito em relação ao cliente e seu sistema, aberto para o que verdadeiramente é necessário para aquele a quem

oferece auxílio e em plena sintonia com os processos da pessoa. Contudo, na visão da Constelação, as relações familiares e o lugar do indivíduo na família têm especial protagonismo, assim a hierarquia é fundamental e deve ser também observada na maneira como o terapeuta se prepara para iniciar seus atendimentos. Assim, para que o ajudante (o terapeuta) possa verdadeiramente auxiliar, antes de tudo, é essencial que esteja conectado com seus próprios pais, seus ancestrais. Ampliando, desta maneira, sua própria percepção do quão grande, forte e superior é o campo de seu sistema, ele se mantém conectado à sua ancestralidade.

Dessa maneira, quando em total ressonância com seu sistema familiar e aberto à dimensão do contexto das ordens do amor, concordando com seus pais, recebendo o amor e a energia que deles emana, o terapeuta poderá se posicionar em relação ao sistema familiar de seu cliente, respeitando a hierarquia, e se colocando a serviço de modo adequado, desde que será o último a ingressar neste sistema. Logo, acreditamos que devido ao caráter transdisciplinar próprio de sua formação, terapeutas transpessoais naturalmente podem integrar a conexão com seu sistema familiar, assim como de seu cliente (ANEXO A) como forma de se preparar para início de seus atendimentos.

Finalmente, evidenciamos o Amor como um dos pontos de maior aproximação entre ambas as abordagens. Para a Constelação Familiar, importa restaurar o fluxo do Amor no sistema do cliente, trazendo harmonia em suas relações. Da mesma forma para a AIT, o Amor é a força infinita que a tudo rege, cria e cura incessantemente e que pode trazer plenitude e paz.

Assim sendo, a Constelação Familiar e a AIT, se relacionam em um nível mais amplo e complexo do conhecimento, favorecendo que ocorra a integração continua e ininterrupta de seus aspectos teórico-práticos, sem segmentação, onde um conhecimento não é mais importante do que o outro pois, cada um em sua alteridade, contribui para o processo terapêutico de forma transdisciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que é possível que terapeutas transpessoais utilizem os aspectos teóricos da Constelação Familiar como recurso no *setting* terapêutico transpessoal, pois são conhecimentos complementares e afins.

Conclui-se ainda que é de primordial importância, ter como base os fundamentos da AIT para a reorganização de aspectos referentes à hierarquia, pertencimento e equilíbrio de troca.

A elaboração de conteúdos inconscientes de forma equilibrada para o indivíduo, sem que contanto, seja realizada uma Constelação Familiar propriamente dita é possível, desde que esta integração seja articulada com a aplicação do corpo teórico e aspectos estruturais e dinâmicos da AIT.

Acredita-se que este trabalho logrou seu objetivo de trazer a linguagem da Constelação Familiar a um nível compreensível para terapeutas, mesmo com pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto, assim como, apoiá-los para a utilização destes aspectos teóricos no *setting* terapêutico transpessoal de modo apropriado e seguro, ampliando as possibilidades terapêuticas relativamente às questões consideradas difíceis ou com padrões repetitivos dentro do sistema familiar de seus clientes.

Entende-se que, o modelo transdisciplinar teórico prático aqui proposto, explicita a integração possível entre a AIT e a Constelação Familiar, abordagens que se complementam como ativadoras na mudança de paradigmas mentais e psíquicos, como apoio a processos que integram as várias dimensões do ser e levam à expansão da consciência.

A complementaridade entre seus aspectos teórico-prático corrobora uma comunicação transdisciplinar articulada pois ambas, AIT e Constelação Familiar, compartilham princípios comuns, tais como a importância do Amor como força criadora e de cura, a concordância quanto à multidimensionalidade da consciência e o acolhimento do Ser sem exclusões, ou seja, em sua integralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, W.C. **Moreno: encontro existencial com as psicoterapias**. São Paulo: Ágora, 1991

BRYSON, U. F. **O rio nunca olha para trás. Fundações históricas e práticas das Constelações Familiares segundo Bert Hellinger**. São Paulo: Conexão Sistêmica, 2013.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, G. **As constelações familiares de Anton Suitbert Hellinger: do movimento da alma para o do espírito, caminho para a cura**.(S.D) Disponível em: <https://clникаconstelar.com.br/as-constelacoes-familiares-de-anton-suitbert-hellinger/> Acesso em: 05/08/2019.

FRANKE, U. **Quando fecho os olhos vejo você**. Divinópolis: Atman, 2006.

GARRIGA, J. **O amor que nos faz bem - quando um e um somam mais que dois**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

HELLINGER, B. **A Cura**.Belo Horizonte: Atman, 2015.

_____. **A Fonte não precisa perguntar pelo caminho**. Belo Horizonte: Atman, 2005.

_____. **Conflito e paz- uma resposta**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2007.

_____. **No centro sentimos leveza**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2006.

_____. **Ordens do Amor**. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Ordens da Ajuda**. Patos de Minas: Atman, 2005.

_____. **O amor do espírito na Hellinger Sciencia**. Minas Gerais:Atman;2009.

_____. **Um lugar para os excluídos**. Patos de Minas: Atman, 2006.

HELLINGER, B.; HÖVEL, G. T. **Constelações Familiares - O reconhecimento das ordens do amor**. São Paulo: Cultrix, 2010.

HELLINGER, Bert; WEBER, Gunthard; BEAUMONT, Hunter. **A simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KNOBEL, A.M. **Coinconsciente para além do tempo e do espaço**. Revista Brasileira da Psicodrama vol. 24. no.1 versão On-line ISSN 2318-0498 São Paulo junho de 2016. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932016000100003 Acesso em 09/06/2020.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

ROSENTHAL, D. **Prática transdisciplinar, Formação e Arte – VII -ECA-USP 2013** <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/bolsistas/Projeto%20JBA.pdf> Acesso em 03/10/2019.

SALDANHA, V. **Antigos e Novos Terapeutas: Reflexões para a Clínica Contemporânea**. Disponível em: <https://verasaldanha.com/author/vera/> Acesso em: 03/03/2020

_____. Aspecto Dinâmico da AIT na Comunicação. **Apostila do módulo III**. Pós-graduação em Psicologia Transpessoal 2018-2020. Campinas: Alubrat. Maio 2018a.

_____. As Sete Etapas da Abordagem Integrativa Transpessoal. **Apostila do módulo V**. Pós-graduação em Psicologia Transpessoal 2018-2020. Campinas: Alubrat. Agosto 2018b.

_____. Blog Conexões Transpessoais e Integração – Abordagem Integrativa Transpessoal. Disponível em: <https://alubrat.org.br/conexoes-transpessoais-e-integracao/> Acesso em 25/03/2020

_____. **Didática Transpessoal: perspectivas inovadoras para uma educação integral**. Campinas, S.P. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006. Tese de Doutorado. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252541/1/Saldanha_VeraPeceguini_D.pdf Acesso em 24 de maio de 2019.

_____. **Psicologia transpessoal. abordagem integrativa. Um conhecimento emergente em psicologia da consciência.** Ijuí, RS: Unijuí, 2008.

SALDANHA, V. & ACCIARI, A.S. **Abordagem integrativa Transpessoal – Psicologia e Transdisciplinaridade.** Editora Inserir, 2019.

SATIN, Alice. **Ordens do Amor - Grupo de Estudos #23.** 2019. (1h:03m:14s).

Disponível em: <<https://youtu.be/ptrKy2tesul>>. Acesso em: 05/08/2019.

SIMÃO, M. J. P., & SALDANHA, V. (2012). **Resiliência e Psicologia Transpessoal: fortalecimento de valores, ações e espiritualidade. Resilience and Transpersonal Psychology: enhancing values, action and spirituality.** Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/resiliencia_psicologia_transpessoal_fortalecimento_valores.pdf Acesso em 25 de maio de 2019.

SCHNEIDER, J. R. **A prática das constelações familiares – bases e procedimentos.** Patos de Minas: Atman, 2007.

SHELDRAKE, R. Campo morfogenético e as constelações familiares. **Canal Youtube; 25 de novembro de 2014. Entrevista cedida a Simone Arrojo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TuZUIh-riYQ> >. Acesso em 02/07/2019.

SCHUBERT, R. **Bert Hellinger - Breve biografia.** 07 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2011/07/07/bert-hellinger-breve-biografia/> Acesso em 23 de maio de 2019. Acesso em: 05/08/2019.

SILVA, M.I.A.G. **Era uma vez um alemão: Bert Hellinger.** 27 de junho de 2017. Disponível em: <https://iperox.com/2017/06/27/era-uma-vez-um-alemao-bert-hellinger/>

SUNDFELD, A. C. **Abordagem Integrativa: Reterritorialização do Saber Clínico?** Psic.: Teor. e Pesq. vol.16 no.3 Brasília Sept./Dec. 2000. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300008 Acesso em 09/03/2020

SUTICH, Anthony. **Algumas considerações a respeito da Psicologia Transpessoal.** In: Weil, P. et al (org) **Mística e Ciência: Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal**, Vol. 5/II. Petrópolis: Vozes, 1978.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Exercício Sistêmico 1 - Questão de relacionamento com a Mãe

ATENÇÃO: os exercícios sistêmicos aqui exemplificados, não são recomendados para pessoas em estado de dissociação, fragmentação, surtos, mania de perseguição ou quadros de ansiedade intensa. Do mesmo modo são contraindicados para pacientes portadores de esquizofrenia ou sociopatia (pacientes psicóticos).

Este exercício pode ser realizado mesmo que a mãe seja falecida ou se a pessoa não conheceu sua mãe biológica.

Adaptado do livro - O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia - Agradecimento ao despertar da vida (Hellinger, 2009 Pg. 34).

Terapeuta para cliente:

Imagine, sinta, perceba sua mãe à sua frente ou imagine uma energia que a represente.

Perceba como ela é em relação a você; mais alta, da mesma altura.

Traga agora uma imagem de você criança, pequena.

Olhe novamente para sua mãe.

Deixe-se ser tomado por um movimento de amor. Se entregue ao movimento.

Diga a ela:

“Querida Mamãe, eu vejo você”

“Eu agradeço por tudo o que recebi de você, do jeito que foi possível”.

“Eu tomo a vida de você tal qual ela me foi dada, com tudo o que ela envolve e pelo preço total que custou a você e a mim”

“Vou fazer dela algo de bom para sua alegria, para que não tenha sido em vão”

“Eu mantenho e honro minha vida e a transmitirei, (se me for permitido), como você fez.

“Eu tomo você como minha mãe”

“E você pode ter-me como seu (sua) filho (a)”

Você é a mãe certa para mim, só você”

“E eu sou o(a) filho(a) certo(a) para você”

“Você é grande, eu sou pequeno(a)”

Faça uma reverência à sua mãe e diga:

“Querida Mamãe, eu sinto muito se tomei um lugar acima de você, mas agora eu volto para o meu lugar de filho(a).

“Você é grande, eu sou pequeno(a)”. “Você dá e eu tomo, querida Mamãe”.

Após finalizar o exercício, no *setting* terapêutico, o terapeuta pode, nesta etapa, se valer da intervenção verbal, para explorar a experiência vivida por seu cliente em benefício de seu autoconhecimento e desenvolvimento.

APÊNDICE B - Exercício Sistêmico 2 - Questão de relacionamento com o Pai

ATENÇÃO: os exercícios sistêmicos aqui exemplificados, não são recomendados para pessoas em estado de dissociação, fragmentação, surtos, mania de perseguição ou quadros de ansiedade intensa. Do mesmo modo são contraindicados para pacientes portadores de esquizofrenia ou sociopatia (pacientes psicóticos).

Este exercício pode ser realizado mesmo que o pai seja falecido ou se a pessoa não conheceu seu pai biológico.

Adaptado do livro - O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia - Agradecimento ao despertar da vida (Hellinger, 2009 Pg. 34).

Terapeuta para cliente:

Imagine, sinta, intua, perceba seu pai à sua frente ou imagine uma energia que o represente.

Perceba como ele é em relação a você; mais alto, da mesma altura.

Traga agora uma imagem de você criança, pequeno(a).

Olhe novamente para seu pai.

Deixe-se ser tomado por um movimento de amor. Se entregue ao movimento.

Diga a ele:

“Querido Papai, eu vejo você”

“Eu agradeço por tudo o que recebi de você, do jeito que foi possível”.

“Eu tomo a vida de você tal qual ela me foi dada, com tudo o que ela envolve e pelo preço total que custou a você e a mim”

“Vou fazer dela algo de bom para sua alegria, para que não tenha sido em vão”

“Eu mantenho e honro minha vida e a transmitirei, (se me for permitido), como você fez”.

“Eu tomo você como meu pai”

“E você pode ter-me como seu (sua) filho (a)”

“Você é o pai certo para mim, só você”

“E eu sou o(a) filho(a) certo(a) para você”.

“Você é grande, eu sou pequeno(a)”.

Faça uma reverência a seu pai e diga:

“Querido Papai, eu sinto muito se tomei um lugar acima de você, mas agora eu volto para o meu lugar de filho(a).

“Você é grande, eu sou pequeno(a)”

“Você dá e eu tomo, querido Papai”

Após finalizar o exercício, no *setting* terapêutico, o terapeuta pode, nesta etapa, se valer da intervenção verbal, para explorar a experiência vivida por seu cliente em benefício de seu autoconhecimento e desenvolvimento.

ANEXO

ANEXO A - Sugestão para preparação do terapeuta

Adaptação do livro - O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia – Conectar o que está separado (Hellinger, 2009 pg.144-145).

Preparo do Terapeuta:

Inspirando e expirando várias vezes, bem lentamente, vá se concentrando.

Feche os olhos e, mantendo-se tranquilo e confiante, sinta, intua, perceba os seus próprios pais em seu corpo.

Então, os imagine à sua frente e diga a eles: não existe nada em mim que não tenha vindo de vocês.

Aos poucos vá se sentindo amplo internamente, até sentir seus pais como um todo dentro de si, do modo como realmente são, sem o desejo de que poderiam ser diferentes. Vá sentindo também seus avós, bisavós e todos aqueles que pertencem à sua família e concordando com eles. Concorde consigo mesmo, a partir do seu corpo, até tornar-se um com o seu próprio sistema. Através desse movimento experimente o seu destino e de todos eles e assim concorde com esse destino.

Diga então: “Sim, este é o meu destino e concordo com ele”.

Mantendo seus olhos fechados, sinta, intua, imagine o cliente à sua frente e, mesmo que não conheça, imagine o pai dele à direita e a mãe à esquerda dele.

Diga então: “Para além dos meus pais e ancestrais, coloco-me em conexão com algo maior que me toma a serviço. Desse algo maior surge uma tarefa e também a força para me expor a ela. Eu estou a serviço sem julgamento, sem medo e sem “intenção de salvar” e peço licença para tocar este sistema com muito respeito, desde que sou o último a fazer parte dele”.

ANEXO B - Frase de Cura 1 - “EU VEJO VOCÊ”

Esta frase significa:

Deixo de lado o meu julgamento, os meus preconceitos.

Enxergo você como você realmente é.

Aceito você exatamente do jeito que você é.

Eu vejo você como ser humano.

Eu vejo a sua luz e também sua sombra.

Eu vejo a sua alma.

Eu respeito você.

Essa frase é o mesmo que dizer: Eu vejo você com sua vida e com tudo o que pertence a ela.

Na relação entre pais e filhos ou entre casais, quando é possível fazer este movimento de dizer: “EU VEJO VOCÊ”, isto significa que realmente conseguem “VER UM AO OUTRO”. Estabelece-se então uma relação de paz, tranquilidade, confiança e, conseqüentemente, um ambiente favorável ao crescimento e ao fluir do amor.

ANEXO C - Frase de Cura 2 - “EU SINTO MUITO”

Normalmente quando há um conflito, a estratégia utilizada é, na maioria das vezes, buscar a reconciliação entre as partes, através do “perdão” ou do “pedido de desculpas”. Porém, ao olhar para essas tentativas, à luz das leis do amor, nota-se que essa abordagem *viola o equilíbrio entre o dar e o tomar/receber*, pois, nesta situação o agredido se sente quase que obrigado a “perdoar” o agressor. Dessa maneira, além de sofrer um dano, a percepção daquele que foi ofendido, é de que *ainda precisa arcar sozinho com as conseqüências – ou seja, perdoar*. Então, pode ficar com raiva. De modo superficial, talvez até “diga que perdoa”, mas, na realidade, não. Neste caso, o conflito continua e, o que é ainda pior, permanece subjacente e o agredido pode permanecer com um secreto desejo de vingança.

Portanto, na visão da Constelação, aquele que pede perdão, não só transfere a responsabilidade de seus atos para o ofendido, assim como a possibilidade de aliviar sua própria culpa. Isto acontece porque, feito o pedido, cabe ao ofendido “aceitar esse perdão” e livrar o ofensor das conseqüências de seus próprios atos ou, “não aceitar esse perdão”, e carregar consigo o peso de não o ter feito.

Por sua vez, o agressor, que em determinadas situações é *forçado* a *pedir perdão*, tem a percepção de que é forçado a se “rebaixar” diante do agredido e, assim, não se sente no mesmo nível. Sente-se humilhado, diminuído, pois pode acontecer também que, quando alguém diz: “eu o perdoo”, o diga com arrogância ou “de cima para baixo”, existindo assim um desnível, que impede uma relação de igualdade.

O efeito de dizer “eu sinto muito”, é o mesmo do que pedir perdão, entretanto libera ambos os envolvidos de dívida ou sensação de superioridade ou inferioridade. As posições igualadas se equilibram, já que a responsabilidade é dividida. Equivale a dizer: “Sei que fiz algo que o atingiu e de que realmente me arrependo”.

Dito com verdade o “Sinto muito” verdadeiramente perdoa e liberta.

ANEXO D - Frase de Cura 3 - “TOMO A VIDA TAL COMO ELA ME FOI DADA”

Esta frase significa a aceitação da vida, tal qual foi recebida dos e os pais.

A vida, é o que de maior um filho pode tomar de seus pais.

Porque receber a vida é algo grande demais, não há como os filhos equilibrarem, retribuírem aos pais o que deles receberam. Uma forma do filho de compensar é transmitindo à geração seguinte, ou seja, aos seus filhos.

A vida é algo muito grande, por isso é necessário agradecer, independentemente se a pessoa conheceu seus pais e se concorda ou não com o destino deles. Receber e honrar a vida que veio através dos pais, dá ao filho força para aceitar e viver o seu próprio destino.

Para o filho, o “tomar a vida e o destino” da maneira como os pais ofereceram, deveria sempre vir acompanhado de uma postura humilde, simplesmente agradecendo como pôde ser, como é.

Fazendo uma profunda reverência, o filho poderá retornar ao seu lugar dentro de seu sistema familiar. Perceberá que é possível deixar o peso, as cobranças, os medos ao reconhecer a grandeza de seus pais. Assim, pode se sentir leve, se liberar da insatisfação ou de todo o peso que carregava.

ANEXO E - Frase de Cura 4 - “VOCÊ É GRANDE, EU SOU PEQUENO”

A energia que vincula as pessoas tem um movimento onde os que vem antes cedem algo e os que vem depois tomam/recebem. Assim, os pais cedem e os filhos tomam. Como os pais chegaram antes, são os que sabem, os que podem dar conselhos, são os que deram a vida. O filho veio depois, recebeu de seus pais a vida, portanto, hierarquicamente é “menor” que seus pais. Neste sentido, o que na Constelação Familiar Sistêmica é denominada Inversão da Hierarquia, pode ocorrer quando:

- ✓ **O Filho quer “salvar” os pais:** cabe aos pais resolverem suas próprias questões.

- ✓ O filho, de forma inconsciente, pode se colocar acima dos pais tentando resolver seus problemas ou carregando seus “pesos”, como forma de ser visto e aprovado.

O filho não deve cuidar dos pais como se fossem seus filhos. Pode e deve ajudar os pais doentes ou com problemas financeiros, porém deve fazer isso *como filho*, não se sentindo maior ou melhor do que os pais. Não deve ajudar por dó, mas com respeito à força que os pais têm para viver seus destinos, por mais difícil que possa parecer. É imprescindível perceber que se está ultrapassando limites, invadindo ou desrespeitando o espaço dos pais.

Uma forma dos próprios pais inverterem a hierarquia é sendo imaturos, colocando-se numa posição de inferioridade em relação aos filhos ou fazendo dos filhos seus confidentes.

- ✓ **Quando o filho se sente melhor, mais sábio ou mais inteligente:**

Há inversão na hierarquia quando o filho julga os pais, cobra deles algo que faltou, aponta seus erros ou acredita possuir soluções melhores.

Na Constelação Familiar, “honrar pai e mãe” não significa estar de acordo com todos os seus atos, significa que é possível receber, agradecer e apreciar *tudo e da forma* como os pais puderam oferecer. O que foi possível é o suficiente.

Todas as relações funcionam mediante o dar e receber. Porém, a regra muda na relação entre pais e filhos, onde: os pais dão, os filhos tomam, sem outros desejos ou medos.